

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

BEATRIZ KRAMER

A INSERÇÃO DA CRIANÇA SURDA NA SOCIEDADE OUVINTE:

Estratégias de interação/comunicação

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

BEATRIZ KRAMER

A INSERÇÃO DA CRIANÇA SURDA NA SOCIEDADE OUVINTE:

Estratégias de interação/comunicação

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Rosa Maria Tosta.

SÃO PAULO

2014

## AGRADECIMENTOS

A meus professores por compartilharem seus conhecimentos e me iniciarem nesta árdua, mas gratificante jornada.

A minha orientadora Rosa Maria Tosta por todo empenho e dedicação, e por estar sempre preocupada em proporcionar o meu aprendizado durante a realização trabalho.

A minhas amigas,companheiras dessa jornada, por todo incentivo nos momentos de maior dificuldade.

A meu irmão, Ricardo, por me auxiliar na revisão e formatação deste trabalho.

E principalmente a meus pais que sempre me apoiarem e se esforçarem para me oferecer a melhor educação possível. Sem vocês minhas conquistas não seriam possíveis. Muito obrigada.

## RESUMO

**KRAMER, Beatriz. A inserção da criança surda na sociedade ouvinte: Estratégias de interação/comunicação. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientadora: Rosa Maria Tosta. São Paulo, 2014.**

Esta pesquisa visa compreender como ocorre a inserção da criança surda na sociedade ouvinte atual, uma vez que consideramos que nossa sociedade é majoritariamente pautada na comunicação verbal. Para atingir essa compreensão, desenvolveremos três capítulos que visam descrever as especificidades de interação/comunicação do surdo na sociedade ouvinte, as implicações do meio familiar para a construção do *self* e apresentar o brincar e o Jogo do Rabisco como estratégias de interação/comunicação da criança surda na sociedade ouvinte. Para isso, nos basearemos na teoria psicanalítica, utilizando como referência principal D. W. Winnicott, além de outros autores relacionados ao tema. Com este trabalho pudemos compreender que a surdez pode gerar implicações importantes na construção do *self*, que exigem preparo da família e da sociedade.

**Palavras-chave:** *surdez; criança; interação; comunicação; brincar; Jogo do Rabisco.*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
2.1: Objetivo Geral:.....	18
2.2: Objetivos Específicos:.....	18
4  CAPÍTULO 1.....	22
O surdo na construção da relação com o ouvinte .....	22
5  CAPÍTULO 2.....	35
A criança surda na construção da relação com a figura materna.....	35
5.1: Relação mãe-bebê.....	36
5.2: Relação mãe-criança surda .....	40
6  CAPÍTULO 3.....	46
Estratégias de interação/comunicação para o convívio da criança surda .....	46
6.1: O brincar da criança surda.....	46
6.2: Jogo do Rabisco .....	55
7  CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	67

## INTRODUÇÃO

Desde o início da humanidade as diferenças entre os indivíduos chamam a atenção da população, diversas concepções se estabeleceram com o passar dos anos e deram lugar a condutas variadas de comportamento em relação às deficiências. Essas variações de condutas se devem à construção da cultura, da história e do contexto social desenvolvido em cada sociedade especificamente. De acordo com isso, Omote (2004) relata:

*As mais variadas diferenças receberam os mais variados tratamentos no decorrer dos milênios. Condições que eram alvos de profunda abominação, podendo até levar o seu portador a formas extremas de exclusão ou de eliminação, podem, em outros tempos, tornar-se alvos de afeição e simpatia. Outras condições podem ser repudiadas em algumas comunidades e aceitas em outras, na mesma época, recebendo interpretações e eventualmente designações diferentes (p. 289).*

Atualmente em nossa sociedade, o trato com a deficiência ainda é uma questão que dá lugar a muitas discussões. Muito já se sabe sobre a importância da inclusão, o que tem tornado o tema bastante conhecido e discutido nas escolas, empresas e até nas rodas de conversa. Porém, isso não garante que o assunto esteja esgotado e que já saibamos como lidar com a questão. Pelo contrário, muitas dúvidas ainda permeiam nossa sociedade e o discurso dos estudiosos do tema voltado para necessidade de oferecer oportunidades aos mais desfavorecidos, parece estar mais relacionado com uma compreensão teórica do que com a internalização dessa compreensão.

Em nossa sociedade de fato não oferecemos oportunidades adequadas para a inclusão de pessoas com deficiência ou com alguma alteração fisiológica. Essas oportunidades não aparecem, e quando aparecem, muitas vezes, estão entrelaçadas com a exigência de adaptação a realidade majoritária, desconsiderando o que há de singular em cada indivíduo e buscando a correção de algo que foge aos padrões de normalidade.

Para reforçar essa questão e a importância em direcionar um olhar mais preciso a ela, podemos ressaltar os resultados do censo do IBGE, apresentados em

16 de Novembro de 2011, referente à pesquisa realizada em 2010<sup>1</sup>. De acordo com esses dados, a população brasileira total corresponde a 190.755.799, dentre essa população, 45.623.910 pessoas possuem pelo menos uma das deficiências investigadas. Entre elas: deficiência visual, auditiva, motora ou intelectual, ou seja, de acordo com os resultados, 23,9% da população brasileira possuem uma ou mais deficiências. Se trabalharmos com números mais específicos relacionados à surdez, podemos ressaltar que 9.722.163 pessoas possuem algum grau de alteração auditiva, divididos pelo IBGE entre: não consegue de modo algum 347.481; tem grande dificuldade 1.799.885; e tem alguma dificuldade 7.574.797.

Pensando que 9.722.163 pessoas no Brasil possuem algum grau de perda auditiva, e considerando que a comunicação verbal está presente em praticamente todas as atividades do nosso cotidiano e nas relações estabelecidas a partir delas, é inevitável nos perguntarmos como 9.722.163 pessoas com dificuldades auditivas conseguem se inserir neste contexto. Quanto a isso, podemos pensar que desde o princípio da humanidade, a comunicação é parte essencial no relacionamento entre os indivíduos, sendo que é por meio desta que se dá o aprendizado que a sociedade é capaz de desenvolver seus conhecimentos, trocando informação através da verbalização e mantendo-as presentes por séculos através da escrita e da leitura. É também por meio da comunicação que se desenvolve a cultura e a identidade de cada sociedade, tornando possível à população criar e se expressar.

Compreendendo a importância da comunicação para o desenvolvimento da humanidade, podemos entender que esta possui um papel fundamental na infância, pois é este o momento em que a criança está se inserindo neste mundo novo que se apresenta e ao mesmo tempo, desenvolvendo ferramentas para conhecê-lo e apreender suas informações. Quanto a isso, Araújo e Lacerda (2008) afirmam que é por meio da linguagem que a criança entra em contato com o conhecimento humano e adquire conceitos sobre o mundo que a cerca,

---

<sup>1</sup>Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <http://sulpsurdosusuariosdalinguaportuguesa.blogspot.com.br/2012/05/censo-do-ibge-2010-dados-sobre.html>.

apropriando-se da experiência acumulada pelo gênero humano no decurso da história.

Sendo assim, nesta pesquisa buscamos compreender como se dá a interação/comunicação do surdo de modo geral. Especificamente a proposta é aprofundar essa compreensão referente à criança surda e discutir estratégias que viabilizem a interação/comunicação desta, já que neste estágio inicial da vida, a comunicação no contexto social e familiar é de extrema importância para o desenvolvimento satisfatório da criança.

Mais ainda, quando este estágio do desenvolvimento está associado à surdez, considera-se que as dificuldades de interação da criança surda com o meio social podem ser significantes acarretando especificidades à construção das relações. Por esse motivo, é preciso que um olhar mais atento seja direcionado ao surdo durante o processo de construção do *self*, pois tais especificidades podem acarretar implicações no decorrer do desenvolvimento emocional da criança na relação com a figura materna.

É neste contexto de preocupações que se situa a importância de uma pesquisa que vise estudar meios que viabilizem a comunicação de crianças surdas com pessoas não surdas, buscando facilitar a sua inserção em um âmbito social mais ampliado, que lide com dificuldades variadas de cada indivíduo, promovendo um convívio benéfico a todos.

Sobre a surdez é preciso destacar que utilizaremos o termo qualificativo surdo (a), pois, de acordo com Bisol, Simioni e Sperb (2007, p. 393) “muitos surdos não se consideram deficientes, mas pertencentes a uma minoria linguística”. A Secretaria da Educação Especial concorda e relata que, atualmente, muitos surdos e pesquisadores consideram que o termo “surdez” refere-se ao indivíduo que percebe o mundo por meio de outras experiências sensitivas e opta por utilizar a língua de sinais, valorizando, desse modo, a cultura e a comunidade surda. A Secretaria da Educação Especial classifica o surdo de acordo com o grau de perda auditiva, dessa forma:

*Parcialmente surdo, referente à surdez leve com perda auditiva de até 40 dB e surdez moderada com perda auditiva entre*

*40 e 70 dB. E surdo, referente à surdez severa com perda auditiva entre 70 e 90 dB e surdez profunda com perda auditiva superior a 90 dB (p. 22).*

Assim, considera-se que o surdo possui uma cultura própria que, de acordo com Pinheiro (2007, p.46), se expressa através da linguagem, dos juízos de valor, da arte e das motivações. Porém, mesmo acatando a existência expressa de uma cultura que oferece subsídios de comunicação, essa população específica, por ser minoria em nossa sociedade, encontra dificuldade para ser incluída nos padrões que correspondem à população majoritária. É este tipo de comunicação, entre surdo e não surdo, que se encontra prejudicada quando focalizamos a pessoa surda no geral, e a criança surda em particular.

Esta dificuldade de comunicação com o seu meio externo, tanto na captação de informações, quanto na expressão de conteúdos internos (como pensamentos, sentimentos, vontades e questionamentos) que circundam a mente do surdo, gera, de fato, um difícil acesso ao outro, não surdo.

De modo que, a pessoa surda ao se comunicar com a pessoa não surda por meio da linguagem oral esbarra em obstáculos que dificultam a socialização. Da mesma forma, essa dificuldade também gera obstáculos na participação de atividades comuns da sociedade (como trabalhar, ir ao cinema, teatro, aprender a ler e escrever, participar de confraternizações), que se utilizam basicamente da linguagem oral, sem oferecer qualquer tradução para linguagem de sinais e sem dar ao surdo a possibilidade de compreender a cena através de outros meios sensitivos. Isso pode acarretar complicações de relacionamento interpessoal e, conseqüentemente, de adaptação ao meio, podendo gerar o sentimento de não pertencimento.

É interessante ainda ressaltar que tais complicações implicadas pela surdez não indicam uma incapacidade do surdo em realizar qualquer tarefa, suas dificuldades estão mais atreladas às dificuldades de relacionamento, instituídas pela ausência de comunicação verbal e pela estigmatização do surdo enquanto deficiente, ou enquanto incapaz de realizar tarefas com a mesma qualidade que uma pessoa ouvinte.

Esses dois aspectos encontrados no surdo, dificuldade de comunicação verbal e estigmatização podem também influenciar na construção do vínculo com a figura materna. Sendo assim, a relação familiar também será discutida nesse trabalho com ênfase na relação mãe-bebê, trabalhando sob as fases de dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. E discutindo conceitos relacionados como *holding* e transicionalidade. Também buscaremos trabalhar esses conteúdos na relação entre a mãe e a criança surda.

A presença da mãe é a principal fonte de ligação do bebê com o ambiente real. Por isso, realizaremos uma discussão aprofundada sobre a relação com a figura materna e buscaremos compreender as implicações dessa relação na surdez, uma vez que esta relação está atravessada pela estigmatização e pela dificuldade de comunicação verbal.

A dificuldade de pais em compreender filhos surdos pode ser visualizada a partir do estudo de Domingues, Motti e Palamin (2008, p.42), em que os comportamentos de agitação e birra apresentados por crianças surdas foram associados a situações recorrentes de frustrações, causadas pela dificuldade na comunicação entre pais e filhos. De acordo com as autoras, os pais apresentavam padrões de interação empobrecidos com seus filhos, enfatizando mais objetos do que brincadeiras sociais.

Com isso, é possível perceber a necessidade da realização de um estudo que possa oferecer condições de compreensão e aceitação da surdez aos pais, além de promover estratégias que possibilitem a eles compreender as necessidades dos filhos e assim, estabelecer uma relação de confiança com estes, favorecendo o desenvolvimento saudável.

Sendo assim, Araújo e Lacerda (2008, p.87) concordam que o desenvolvimento psicológico da criança surda ocorre de maneira diferenciada. Para a teoria histórico-cultural, utilizada neste artigo:

*A linguagem possui papel fundamental, uma vez que este fenômeno possibilita a construção de uma dimensão simbólica que proporciona vivências com o mundo adulto. É através destas vivências que a criança será capaz de significar o mundo e construir sua identidade e subjetividade. Quando o processo de*

*aquisição de linguagem ocorre de maneira diferenciada, é compreensível que o desenvolvimento psicológico se dê também de outra forma, já que a dimensão simbólica construída pela criança surda contará com estas especificidades (Araújo e Lacerda, 2008, p.187).*

Desse modo, as autoras acrescentam outro ponto importante e revelam que a surdez não pré-dispõe qualquer transtorno psicológico ou qualquer alteração prejudicial ao desenvolvimento, entretanto, pelo fato da aquisição da linguagem se dar de uma forma diferenciada, o desenvolvimento da criança surda também sofrerá diferenciações em comparação com a criança ouvinte. Não somente pela estigmatização que influencia na relação da mãe com a criança, mas também no que se refere ao processo de aprendizagem da linguagem em si.

Sendo assim, comparando a aprendizagem da criança surda com a de uma criança não surda, podemos levantar os dados da pesquisa de Silva e Pereira (2003) realizada com professoras de alunos surdos. Os dados revelam que os alunos surdos apresentam condições de ter uma aprendizagem normal. Algumas afirmam que a aprendizagem no aluno surdo é normal, ilimitada, mas acontece de maneira diferente e outras afirmam que a aprendizagem dos alunos surdos é normal porque há alunos ouvintes com mais dificuldades que eles.

De uma forma ou de outra, é possível salientar que a aprendizagem da criança surda possui fatores afetivos que podem influenciar na construção da autoconfiança e na motivação do aluno, assim como qualquer processo de aprendizagem, também de criança não-surdas. Se aceitarmos a primeira opção referente ao relato das professoras, de que a aprendizagem do surdo é ilimitada mas ocorre de forma diferenciada, precisamos considerar também que a escola e a equipe disciplinar necessita de um preparo especializado para produzir um método de ensino efetivo que dê conta da diferença que se apresenta, como contrário, essa aprendizagem ilimitada não poderá de fato se desenvolver.

É preciso também que mais do que os conhecimentos didáticos, a escola também esteja preparada, assim como a família, para transmitir os conteúdos e

elementos de convívio de maneira diferenciada, levando em consideração as especificidades relacionadas à surdez.

Sendo assim, as questões aqui apontadas, referentes à posição do surdo na sociedade ouvinte, à relação da mãe com o surdo, à inserção da criança no ambiente escolar, ao estigma ligado a ela e muitas outras, serão discutidas no decorrer deste trabalho, a partir de então, serão apresentadas estratégias que viabilizem a interação/comunicação da criança surda, visando diminuir o distanciamento entre surdo e não surdo e a sensação de não pertencimento produzida pela desigualdade de oportunidades oferecidas.

Dessa forma, propomos o brincar e o Jogo do Rabisco como estratégias de acesso ao mundo interno da criança surda, por possuírem um caráter prazeroso e interessante à criança. O brincar, como estratégia de produção e reprodução de conteúdos internos e de interação social, é utilizado como um dos meios que pode viabilizar essa comunicação.

Da mesma forma o Jogo do Rabisco, trata-se de um desmembramento do brincar desenvolvido pela teoria de Winnicott e também é compreendido como um meio de expressão dos conteúdos internos da criança. Embora, apresentada por Winnicott (1989) na clínica, pode ser estendida para outras áreas de acordo com Tosta (2012), o adulto e a criança se encontram em situação de equivalência e a partir de rabiscos realizados de forma conjunta, formam uma figura que corresponde a um processo de integração. Nesta atividade a criança, assim como no brincar, tem um espaço livre para expressar-se e receber sustentação do outro que acompanha o desenho. Mais ainda, o Jogo do Rabisco por colocar ambas as partes em posição de igualdade, sussa a questão social de inferioridade atrelada à surdez.

A partir dessa perspectiva, podemos considerar o brincar e o Jogo do Rabisco como estratégias importantes para a interação/comunicação da criança surda com o mundo, ambas são acessíveis e possuem um caráter prazeroso para a criança, o que facilita a sua utilização. A partir do desenvolvimento dessas estratégias, visamos reduzir as dificuldades relacionadas à interação/comunicação que estão envolvidas na surdez.

Sendo assim, Domingues, MottiePalamin (2008) relatam que o brincar é uma rica atividade, que pode ser explorada, proporcionando meios de desenvolvimento das habilidades sociais para as crianças de maneira geral. Paralelamente, a motivação da criança é apropriar-se de um universo do qual ela quer fazer parte: o universo do adulto.

Com isso, podemos compreender que o brincar tem grande importância no desenvolvimento infantil, sendo um fenômeno que permite acesso ao mundo da criança. Ele está ligado ao desenvolvimento físico, intelectual, social e emocional das capacidades de cada criança. Através do brincar, a criança é capaz de criar e relacionar-se com o mundo, realizando através do mundo simbólico suas fantasias mais íntimas.

Por fim, ainda visando apontar a justificativa da presente pesquisa Bisol, Simioni e Sperd (2007, p.392) relatam a despeito do esforço do Brasil em ampliar e qualificar a produção científica no campo da Psicologia, que os estudos que existem relacionados à surdez indicam uma produção limitada e esparsa. De modo que, em uma década (1995-2005), os autores citados encontraram apenas 34 artigos publicados e periódicos científicos nacionais relacionados ao estudo da surdez.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1: Objetivo Geral:**

Em virtude das limitações que nossa sociedade possui em lidar com a surdez e considerando a complexidade e importância deste tema, esta pesquisa visa compreender como ocorre a inserção da criança surda na sociedade ouvinte.

### **2.2: Objetivos Específicos:**

Para atingir a compreensão da inserção da criança surda na sociedade ouvinte de forma aprofundada, trabalharemos com três objetivos específicos, em que:

- Busca-se descrever as especificidades da interação/comunicação do surdo na sociedade ouvintes.
- Busca-se descrever quais as implicações do meio familiar para a construção do self da criança surda.
- Busca-se apresentar o brincar e o Jogo do Rabisco como estratégias de interação/comunicação da criança surda na sociedade ouvinte.

### 3 MÉTODO

Esta pesquisa utilizará como método o estudo de referências diversas na área da Psicanálise, relacionando com os autores que trabalham com o tema em questão, a surdez. Sendo assim, será feita uma revisão de literatura de artigos, livros e trabalhos acadêmicos encontrados na área, de modo que os conteúdos extraídos serão divididos em três capítulos.

Utilizaremos a teoria da Psicanálise como base para esta pesquisa, pois entendemos que o objetivo em questão pode ser atingido a partir do estudo de conceitos psicanalíticos que serão apresentados posteriormente. Quanto a isso, Violante (2000, p. 112) afirma que “o termo Psicanálise pressupõe ir além do comportamento, assim como da consciência, em direção ao inconsciente”. Sendo assim, compreendemos que a inserção do surdo na sociedade ouvinte, assim como as dificuldades relacionadas a ela, são fatores que influenciam na construção psíquica deste, tanto ao que se refere a fatores conscientes como inconscientes. Além disso, entendemos que os fenômenos que serão apresentados na discussão da relação mãe-bebê também se encontram no campo do inconsciente e devem ser avaliados a partir deste viés.

Desse modo, no primeiro capítulo será realizada uma discussão a respeito dos conceitos de interação e comunicação, visando compreender as semelhanças e diferenças sobre eles para justificar a utilização do termo interação/comunicação no título da pesquisa. Posteriormente, buscaremos compreender as dificuldades e especificidades da interação/comunicação do surdo na sociedade ouvinte. Para atingir essa compreensão, basearemos nossa discussão no documentário produzido em 2009 por Igor Ochrowiczna França: “Sou surda e não sabia”. O documentário é narrado por Sandrine, uma francesa que recebeu o diagnóstico de surdez muito tarde e em função disso, teve de passar por vários momentos de angústia e dúvida. Este material será utilizado com o objetivo de ampliar o repertório de referências sobre a surdez, não se pautando apenas em referências teóricas e discursos de pesquisadores, mas também considerando os conhecimentos e vivências de uma jovem surda, juntamente com suas aflições e incertezas.

No segundo capítulo, será iniciada uma revisão da literatura de Donald Woods Winnicott, Pediatra e Psicanalista inglês que dedicou grande parte do seu estudo à compreensão das relações da primeira infância e da infância propriamente dita. Este capítulo será dividido em dois tópicos complementares, no primeiro tópico buscaremos compreender como se dá a relação mãe-bebê no primeiro momento da vida, além de compreender como ocorre a passagem para o segundo momento, com a chegada do objeto transicional. Ainda buscaremos compreender a terceira fase, em que a integração se faz possível e o bebê já consegue se diferenciar da mãe e relacionar-se com o ambiente. Estas três etapas correspondem ao desenvolvimento emocional da criança, trabalhado pela Psicanálise. É importante ressaltar que os conteúdos trabalhados no decorrer deste tópico são inconscientes à mãe e a criança, sendo portanto, desconhecidos em nível de um saber lógico.

No segundo tópico partiremos para um momento mais avançado da vida, correspondente a infância e relacionaremos este com a surdez. Buscaremos compreender então como a relação da mãe ocorre com a criança surda, quais as dificuldades e especificidades envolvidas. Neste momento, utilizaremos juntamente a teoria de Winnicott, artigos recentes sobre a surdez.

A partir das compreensões obtidas no primeiro e segundo capítulo a respeito da inserção do surdo na sociedade e do desenvolvimento emocional do bebê até a infância, buscaremos no terceiro capítulo, oferecer estratégias que facilitem a interação/comunicação do surdo na sociedade, no âmbito familiar e escolar. Tais estratégias serão divididas em dois tópicos, o primeiro corresponderá ao brincar como estratégia de interação/comunicação. Neste momento, buscaremos compreender o fenômeno do brincar de forma descritiva, levantando suas características e relevâncias para o desenvolvimento da criança. Sendo assim, buscaremos também compreender as especificidades do brincar da criança surda juntamente com a importância desta atividade para o seu desenvolvimento. Essa compreensão será feita a partir de uma revisão de literatura sobre o tema, incluindo principalmente as obras de D. W. Winnicott, além de outros autores e pesquisadores mais recentes.

No segundo tópico deste capítulo, apresentaremos o Jogo do Rabisco como outra estratégia de interação/comunicação da criança surda. Neste momento, será explicado como ocorre essa prática, quais as implicações produzidas por ela no contexto da clínica e o que pode ser ampliado para o contexto geral de convívio social da criança surda. Esta prática foi criada por D. W. Winnicott no atendimento de consultas terapêuticas, portanto, será utilizada a obra do próprio autor para sua discussão. Além disso, apresentaremos um caso atendido por ele, para exemplificar a relação do jogo com a comunicação.

Por fim, este percurso tem como objetivo geral atingir a compreensão da inserção da criança surda na sociedade ouvinte de forma aprofundada. Sendo assim, trabalharemos com três objetivos específicos, no decorrer dos três capítulos que ajudarão a atingir esse objetivo geral.

## 4 CAPÍTULO 1

### O surdo na construção da relação com o ouvinte

Este capítulo visa compreender a interação do surdo na sociedade ouvinte, a partir da leitura do documentário “Sou Surda e Não Sabia”<sup>2</sup> e de artigos relacionados ao tema. Também visa realizar uma diferenciação entre os termos interação e comunicação, com intuito de compreender a relação e especificidades que envolvem cada um deles.

É possível considerar que a sociedade atual é basicamente pautada na linguagem verbal, desse modo, é possível ressaltar o valor significativo que é adquirido pela escuta e a fala no convívio social. Sendo assim, nos questionamos sobre o espaço que o surdo ocupa nesta sociedade, já que este acaba muitas vezes, por encontrar dificuldades em inserir-se em tal contexto social. Algumas dessas dificuldades serão retratadas a partir do documentário citado e discutidas no decorrer deste trabalho. Também serão pontuados e analisados os possíveis preconceitos envolvidos na inserção do surdo e na compreensão social da surdez.

Os termos interação e comunicação foram escolhidos para serem utilizados juntamente no título e nesta pesquisa, pois compreendemos que eles se complementam. A interação se relacionam aspectos mais amplos da relação humana, se comparado ao termo comunicação. Podemos definir interação social, de acordo com o dicionário de psicologia Dorsch (2001), como: “influência recíproca de indivíduos dentro e entre grupos e as alterações assim provocadas no comportamento ou nas atitudes, opiniões, etc”(p. 501).

Desse modo, podemos considerar que todo indivíduo está inserido permanentemente em um grande grupo, a sociedade, desde o seu nascimento. Este grupo, no qual ele está inserido, pode possuir subdivisões grupais, que seriam as classes sociais, faixas etárias, gêneros e infinitas outras ramificações

---

<sup>2</sup>Documentário francês dirigido por Igor Ochronowicz em 2009, com setenta minutos de duração. Tem como título original *Sourds et Malentendus*. Retrata a história de uma jovem, Sandrine, que por muito tempo não sabia que era surda.

que podem existir a partir do modo com que as pessoas identificam-se e organizam-se nos diferentes grupos de acordo com suas necessidades. A partir disso, podemos entender que o homem é um indivíduo que está em constante interação com seu meio externo. Essa interação, em suas diversas formas, é importante para que ele se desenvolva enquanto indivíduo e construa sua identidade.

Por outro lado, a comunicação ainda de acordo com Dorsch (2001), é um termo diferente, porém, mesmo que nos pareça paradoxal, pode também ser compreendido sinônimo de interação. A comunicação é definida, como:

*A forma mais importante de interação social, é o processo de transmissão de informação a partir do comunicador e do receptor, estes são componentes que agem unilateralmente e mutuamente, através dos canais de comunicação, que podem ser verbais ou não verbais (p. 168).*

Em razão disso, optamos por utilizar o termo interação/comunicação, já que ambas as nomeações encontram-se tão fortemente fundidas em suas definições. Watzlawick *apud* Dorsch (1980) considera que “é impossível ao homem, na interação, não se comunicar, uma vez que todo comportamento pode servir como sinal” (pag. 168). Nesse aspecto, interação e comunicação se assemelham, pois da mesma forma que o homem está sempre se comunicando, ele está também interagindo. Esta é mais uma justificativa para a utilização do termo interação/comunicação no transcórre deste trabalho.

Nesta pesquisa, quando falarmos em interação/comunicação, estaremos nos referindo ao termo interação social, já aqui definido. Este termo foi escolhido por ser mais abrangente e incluir também fenômenos inconscientes, que vão além da pura transmissão de informações. Tais fenômenos correspondem a um âmbito mais profundo do psiquismo e devem ser levados em consideração, pois correspondem a uma parte obscura do Eu que possui uma força de expressão imensa no modo com que este interage socialmente e consigo mesmo.

De acordo com o psicanalista Gonçalves (2005), assim como na associação livre do paciente ouvinte, os conteúdos inconscientes são expressos, no relato do paciente surdo, seja através da linguagem de sinais ou da fala, estes

conteúdos também são expressos e passíveis de interpretação. Isso nos permite pensar que a relação transferencial existente entre paciente e analista ocorre também na surdez. Esses conteúdos inconscientes vão além da pura transmissão de informações, a que se refere à comunicação. A eles corresponde este campo mais amplo e obscuro, que pode ser considerado como forma de interação.

A pessoa surda possui uma forma de comunicação diferenciada, ela não se comunica verbalmente, mas pode interagir com qualquer pessoa, ouvinte ou não ouvinte, através do gesto, do olhar, das expectativas inconscientes e principalmente através da linguagem de sinais, que é um elemento marcante da comunidade surda.

A linguagem de sinais é uma forma de comunicação não verbal que se define pela troca de informações, através de outros meios, que não a fala. Nesta descrição, o autor até chega a mencionar que em alguns casos utiliza-se esta definição como sinônimo de interação, entretanto, esta pesquisa não considerará o termo interação exatamente dentro desses pressupostos.

Winnicott (1983) por sua vez, define comunicação não-verbal como a “relação do Eu consigo mesmo, que seria a música das esferas, absolutamente pessoal. Pertencente ao estar vivo” (p. 174). Esta forma de comunicação não-verbal é que dá origem a comunicação como forma de interação com o outro, sendo assim, é de extrema importância para o existir.

Da mesma forma, Vygotsky *apud* Giovanella e Falkenbach (2009) aponta que a pessoa surda também é capaz de aprender tanto quanto a pessoa ouvinte, o que indica um sinal de saúde, já que o processo de aprendizagem do surdo não é prejudicado pela surdez.

Mais além da aprendizagem, Winnicott (1989) relata no capítulo “O conceito de indivíduo saudável” que saúde significa uma maturidade relativa à idade do indivíduo. Essa tendência ao amadurecimento é herdada. Ainda assim, é necessário que um ambiente satisfatório seja apresentado a ela, para que essa tendência se desenvolva. Esse ambiente satisfatório corresponde ao suporte provido pela mãe e à capacidade do indivíduo em aprender com o mundo. Com isso, podemos afirmar que o processo de maturação do surdo pode ocorrer

normalmente na medida em que a mãe lhe oferece suporte e em que este é capaz de aprender com os contatos que realiza com o meio externo ao longo de sua vida, podendo ser considerado um indivíduo saudável.

Apesar disso, Souza (1982) afirma que o processo de socialização na surdez pode encontrar-se comprometido devido à ausência da linguagem. Esse processo “ocorre através do qual a cultura, as normas e os valores de uma dada sociedade são internalizados nos indivíduos que vivem nessa sociedade, passando a integrar a sua maneira espontânea de ser”(p.26).A criança surda, então, seria afetada pela sua incapacidade de ouvir e reagir aos sons e por isso, encontraria dificuldade em internalizar os elementos de sua sociedade. Essa dificuldade também pode implicar em alterações no desenvolvimento do processo educacional, uma vez que a criança é impedida de comunicar suas necessidades físicas e emocionais verbalmente. O processo então se torna mais complexo, pois muitas vezes, a autora descreve que é necessário desenvolver meios que viabilizem a comunicação.

Mesmo com esse déficit na interação/comunicação, há uma vasta gama de capacidades existentes que pode ser encontrada nos indivíduos surdos, entretanto, isto não minimiza uma dificuldade grande por parte desta população em se incluir nessa sociedade ouvinte, já que as atividades cotidianas de nossa sociedade estão claramente voltadas para a comunicação verbal.

Para ilustrar essa dificuldade de socialização em adultos, a pesquisa realizada por Marin e Goés (2006), para compreender a experiência da pessoa surda em esferas do cotidiano levantou, a partir do meio social de trabalho do surdo, que:

*O surdo alcança suas conquistas quando seu trabalho consegue se equiparar ao trabalho do não surdo, porém as dificuldades encontradas não são as mesmas, principalmente quando o surdo é único na organização. A comunicação entre os membros da equipe é algo que dificulta o trabalho, a falta de paciência para ouvir e para falar com aqueles que dependem da leitura labial para compreender a tarefa, acaba gerando obstáculos para a execução da mesma (p. 237).*

Sendo assim, é possível compreender que, no meio corporativo, assim como em outros âmbitos vivenciais, as dificuldades que ainda existem na inserção do surdo estão mais relacionadas com dificuldades da sociedade em lidar com diferentes formas de interação que possibilitem a inclusão do surdo, do que com limitações advindas da surdez em si.

Estamos falando também desta mesma dificuldade social quando nos remetemos ao desenvolvimento infantil. A criança surda tem capacidade de aprender e adquirir informações do meio externo, assim como a criança ouvinte. Porém, o processo de aprendizagem desta requer uma atenção maior para que, primeiramente, se possam perceber as particularidades existentes e depois considerá-las na construção do conhecimento. Como afirma Silva, Rodrigues, Abramides, Souza e Loureiro (2010), é necessário desenvolver meios especializados que deem conta de viabilizar esse processo de aprendizagem.

A infância de modo geral, também é uma fase de construção de identidade, o que pode acarretar complexidades maiores. A interação/comunicação com o outro é de extrema importância, para a construção de um modelo de imitação e de apoio. Na criança surda, esta relação com o meio externo pode ser comprometida, considerando que ela está incluída em uma sociedade ouvinte, onde a comunicação é majoritariamente verbal. Portanto, este é outro ponto que requer atenção no que diz respeito ao desenvolvimento da criança surda.

Essas complexidades referentes ao aprendizado e a interação com o outro será discutida a partir do documentário francês “Sou Surda e Não Sabia”. Este documentário conta a história de Sandrine, uma mulher surda que obteve o diagnóstico de surdez um longo período após a suspeita. Apenas aos nove anos foi incluída em uma escola especializada em surdez e foi a partir de então que entrou em contato com a língua de sinais e com outras crianças surdas. A história é narrada por ela mesma, incluindo comentários críticos pessoais e emoções vividas por ela durante seu desenvolvimento. No decorrer do vídeo, são apresentados alguns discursos de profissionais variados, como médicos, professores e especialistas da área, assim como encenações com personagens fictícios da infância de Sandrine e encenações dela mesma, sobre as dificuldades encontradas agora, na sua vida adulta.

No documentário, Sandrine faz um levantamento cronológico dos elementos mais importante de sua história. Ela inicia seu discurso a partir do longo período que se deu até que sua surdez fosse confirmada, relatando que até que esta confirmação ocorresse, uma ligação entre ela e seus pais foi se consolidando. Porém, ela coloca que atualmente, a tecnologia ajuda a diagnosticar os casos de surdez muito cedo, até em recém-nascidos e questiona como ficaria a ligação entre pais e filhos a partir disso. Por que seria tão importante confirmar a surdez tão cedo, através de exames? Não seria melhor que essa hipótese partisse da percepção dos pais? Colocar um estigma de surdez tão cedo não seria prejudicial?

Ela relata que no momento em que seus pais obtiveram o diagnóstico de surdez, a ligação harmoniosa entre eles e ela se desfez. Eles não a viam mais como um bebê, mas como um “ouvido gigante, um ouvido ambulante”. A relação, que antes era calorosa, se tornou fria e eles ficaram distantes. Eles não a olhavam mais da mesma forma, e mesmo que ela tentasse reestabelecer essa relação, não era possível, era como se algo os separasse.

Quanto a este questionamento de Sandrine, podemos levantar a importância da relação com a mãe que é discutida por Goldfeld *apud* Domingues, Motti e Palamin (2008), a mãe é responsável por propiciar a formação de conceitos e por representar a sociedade para ela, através da construção de um importante laço entre ela e o mundo. Sendo assim, a antecipação do diagnóstico antes mesmo do nascimento ou logo após este, pode interferir na relação com que a criança irá estabelecer com o mundo, já que o olhar da mãe, que é a peça chave para este contato, já enxerga a criança a partir da surdez.

Isaac e Manfredi (2005), entretanto, contrapõem-se a essa visão sobre a realização do diagnóstico de surdez. Para estes autores, o diagnóstico de surdez deve ser dado o quanto antes, pois quando realizado no primeiro ano de vida assegura-se a aquisição e o desenvolvimento da linguagem. O atraso deste, por outro lado, pode trazer riscos ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas e de interação social da criança.

Sendo assim, podemos pensar que a relação que se estabelece entre mãe e filho, principalmente quando se inclui a surdez da criança, é bastante delicada. Porém, esse olhar da mãe que pode sofrer influência do diagnóstico confirmado, de fato, deve ser trabalhado de outras formas, como o atendimento psicológico e a construção da compreensão da surdez por parte desta.

Desse modo, não podemos considerar que o fato da possível influência na relação com a mãe poder ser alterada, seja determinante para a não realização do diagnóstico antecipado de surdez. As dificuldades em lidar com a surdez, tanto para o surdo quanto para a família, podem ser trabalhadas possibilitando, assim, a realização de procedimentos médicos logo após o nascimento que possam impedir, por exemplo, o agravamento do grau de surdez.

Vieira, Macedo e Gonçalves (2007) discutem ainda que a qualificação, a atenção dos profissionais da saúde e do ensino é de grande relevância, pois possibilita tanto a prevenção quanto o encaminhamento precoce e adequado dos casos suspeitos. Pois, através do diagnóstico precoce, é possível que se faça adaptações fonoaudiológicas, sociais e escolares necessárias à compensação da perda auditiva, auxiliando o desenvolvimento da criança nestas áreas. O artigo ressalta também o papel fundamental da orientação adequada do pediatra, que, muitas vezes, é o único profissional da saúde que vê a criança com perda auditiva.

Sendo assim, a relação próxima e o olhar atento dos cuidadores, assim como a ligação entre filho e pais citada por Sandrine, são determinantes para que o diagnóstico ocorra em diversos casos, mas a antecipação deste, quando possível, pode facilitar ainda mais a adaptação da criança nesta sociedade ouvinte. Desse modo, as questões da mãe, assim como do pai, frente à doença devem ser trabalhadas antecipadamente, o que também é muito importante, considerando que há de fato, a possibilidade dos olhares estigmatizados interferirem no modo com que estes apresentarão o mundo à criança, como foi o caso de Sandrine. Porém esse ponto, não pode ser determinante e generalizado para todos os casos, desconsiderando os benefícios do diagnóstico antecipado da surdez.

Esse olhar dos pais que surge após o diagnóstico que é direcionado para a surdez e não mais para o filho e para a sua relação com este, é possível de acontecer, mesmo quando já há possibilidade conhecida do diagnóstico devido algum caso de surdez na família. Porém, nestes casos surdez já existente na família, o diagnóstico antecipado pode ser ainda mais viável, considerando que este é um dos fatores de risco para o desenvolvimento desta alteração, segundo Vieira, Macedo e Gonçalves (2007). Essa estigmatização descrita que pode ocorrer na relação com os pais, pode também aparecer no momento em que a criança se apresenta ao mundo, pois a compreensão da surdez enquanto deficiência está já bastante enraizada em nossa sociedade, apesar de ser uma visão equivocada e carregada de preconceito.

No documentário em questão, essa discussão é levantada por um profissional, que relata que o termo “deficiente auditivo” está incorreto para se referir ao surdo. Este termo muitas vezes é utilizado com o intuito de atender ao politicamente correto, entretanto, acaba colocando a ausência da escuta como uma defasagem. Isso ocorre unicamente pelo fato da nossa sociedade ser majoritariamente ouvinte, e a escuta ser considerada como característica dominante, inferiorizando as outras formas de comunicação que se dão para além da fala e da escuta, como por exemplo, a língua de sinais. No vídeo, o palestrante acrescenta que não nos referimos a uma pessoa loira como deficiente castanho, já que possui a ausência de cabelos castanhos, pois a maioria das pessoas daquela população possuem cabelos castanhos. Da mesma forma, não podemos nos referir à pessoa surda como deficiente auditivo, simplesmente porque a maioria das pessoas na sociedade no qual ela foi inserida é ouvinte.

A nomenclatura “deficiente auditivo”, apesar de ser utilizada com o intuito de parecer politicamente correto, segundo o profissional, acaba demonstrando o quanto a sociedade faz com que o surdo busque se inserir e adaptar-se ao modo que é comum a maioria das pessoas. Quando não se trata de fazer o surdo se adaptar, ela acaba inferiorizando-o e colocando-o na posição de deficiente.

Essa compreensão que se faz acerca da surdez é relevante, pois interfere diretamente no modo com que a sociedade de modo geral lida com a surdez. Quando compreendemos o surdo como deficiente, estamos entendendo também que

ele é quem está de fora do contexto social, por possuir uma característica não correspondente ao esperado. Com isso, acabamos buscando inseri-lo no através da linguagem ouvinte, com o intuito de reduzir este déficit. Entretanto, quando compreendemos a surdez como mais uma característica daquela pessoa, estamos permitindo que ele mantenha esta característica e se adapte através dela, buscando novos meios de comunicação, mas não necessariamente induzindo-o à linguagem oral. Quanto a isso, Strobel (2009) afirma que “segundo o discurso ouvinte, o sujeito surdo, para estar integrado à sociedade, deveria se adaptar à cultura ouvinte, porque somente assim poderia viver normalmente. Se não conseguir, é considerado desviante” (p.25).

Quanto a isso, Sandrine relata que na escola integrada que estudou até seus nove anos de idade era obrigada a aprender a falar verbalmente. Não teve aula de história e geografia, tudo que era importante, era aprender a falar. Os professores queriam que ela falasse e ofereciam diversas aulas de francês (língua nativa de Sandrine), faziam de tudo para que as crianças surdas aprendessem. Ela disse que sentia como se sua boca não fizesse parte do seu corpo e tinha que fazer grande esforço para pronunciar algumas palavras.

Quanto a isso, podemos refletir sobre o modo com que nossa sociedade está sendo ou não, de fato integrada e inclusiva. Ao incentivar, através dos métodos mais lúdicos e bem elaborados, a aprendizagem da fala. Como se esta fosse a única forma desta população ser incluída, adaptando-se aos moldes já impostos e excluindo a possibilidade de interação através de outros meios que fossem menos invasivos e obrigatórios, como é a aprendizagem da fala para o surdo. Não se questiona a possibilidade de se incentivar a sociedade de modo geral a aprender a linguagem de sinais para comunicar-se com o surdo, o que seria muito mais fácil para a pessoa ouvinte, que não possui qualquer limitação biológica que dificultaria tal processo.

A língua de sinais é o meio pelo qual o surdo se comunica, é como qualquer outra língua, pois permite a ele a troca de informações e emoções, por isso o surdo não deve ser visto como deficiente, pois ele é capaz de se comunicar como qualquer outra pessoa, apenas possui uma língua específica que é adaptada à sua diferença. A língua de sinais é bastante característica da cultura

surda, de acordo com Sandrine, ela estimula o surdo a aprender a ler e escrever mais e é uma forma de comunicação que estes podem se sentir à vontade. De acordo com Dizeu e Caporali (2005):

*A língua de sinais, quando adquirida nos primeiros anos de vida, fornece à criança surda um desenvolvimento pleno como sujeito, porém, quando sua aquisição é tardia, o surdo encontra algumas dificuldades na compreensão de um contexto complexo: pensamento abstrato, desenvolvimento de sua subjetividade, evocação do passado, entre outras (pag. 595).*

Quando Sandrine mudou-se para a escola especializada em surdez, aos nove anos de idade, pôde ter contato com outras crianças surdas, que segundo ela, foi uma experiência extremamente marcante e enriquecedora, quando conseguiu entrar em contato de forma mais próxima não só com a língua de sinais, mas também com a cultura surda em si. De acordo com Strobel (2009):

*A cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crianças, os costumes e os hábitos do povo surdo (p.27).*

Na nova escola, portanto, Sandrine conseguia se relacionar melhor e conquistou sua primeira amizade, com uma garota da mesma idade chamada Mathilde. Quando esta amiga convidou-a para ir à sua casa para brincarem juntas, Sandrine entrou em contato com uma nova realidade, pois os pais de Mathilde também eram surdos. Com isso, percebeu que poderia ter um futuro, crescer e ser uma pessoa normal. Essa experiência foi revigorante e ela se sentiu livre para ser autônoma e usar a linguagem de sinais sem ter que se controlar, uma nova gama de possibilidades de abriu a partir deste contato.

Com isso, podemos perceber todo esse sentimento de inferioridade e de necessidade de adaptar-se ao externo que pode ser internalizado pelo surdo, a partir do modo com que a sociedade interage com ele. Também a partir deste

relato podemos notar a importância que a relação com crianças surdas pode ter para o desenvolvimento destas mesmas, pois a sensação de ser diferente, como foi descrito por Sandrine, pode ser obtida mesmo nos primeiros anos de vida, e manter contato com outras crianças facilitaria o reconhecimento do indivíduo como membro pertencente de um grupo. E ter contato com adultos surdos que possam servir como modelo para a construção de uma perspectiva de futuro pode servir para retirar o indivíduo de uma posição inferiorizada ao qual ele pode se encontrar.

Sendo assim, a inserção do surdo na sociedade ouvinte pode possuir diversas complicações, no que se refere ao preconceito e estigmatização da surdez enquanto doença ou deficiência. A relação com outros surdos pode vir para beneficiar essa difícil inserção, uma vez que possibilita o desenvolvimento da autoconfiança e da valorização deste sujeito, no contato com o outro. É preciso porém, atentar-se para que o surdo não se feche em sua comunidade e deixe de realizar trocas com a sociedade ouvinte, pois isso geraria uma segregação negativa para o desenvolvimento do indivíduo. Já que a interação com o outro, ouvinte e não ouvinte possibilita uma troca enriquecedora a construção da personalidade do indivíduo.

Concordando com isto, Dizeu e Caporali (2005) relatam a respeito da importância da interação com crianças e adultos surdos e da construção de uma comunidade surda que:

*Quando o sujeito surdo é levado a conviver apenas com uma comunidade ouvinte, sem contato com outros surdos, sua surdez tende a ser ocultada e depreciada. O estigma de deficiente agrava-se a cada dificuldade que essa pessoa irá encontrar para se igualar com o ouvinte. É importante que o surdo se mantenha integrado em sua comunidade, se relacione com seus pares, sem se isolar da comunidade majoritária. O objetivo dessa interação é a constituição da identidade surda, de se aceitar como uma pessoa normal, com potencialidades e limitações, apenas surda (pag.593).*

A interação/comunicação entre crianças surdas, por sua vez, pode ocorrer de diversas formas, mesmo quando não há a compreensão da língua dos sinais. Uma pesquisa realizada por Araújo e Lacerda (2008) aponta o desenho como

uma ferramenta que possibilita a interação entre tais indivíduos. Ele pode ser considerado uma atividade promotora do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, uma vez que as crianças expressam nos desenhos tudo que conhecem sobre o objeto que desejam simbolizar graficamente. É possível acompanhar através do desenho o raciocínio que a criança surda possui e considerá-la como sujeito ativo e observador. A esfera visual, portanto, pode ser recurso útil para o seu desenvolvimento.

Domingues, Motti e Palamin (2008) ainda acrescentam que o contato com crianças da mesma faixa etária apareceu em 100% dos relatos da pesquisa realizada com mães de crianças surdas, em ambiente escolar ou familiar. Isso, segundo os autores, facilita o enfrentamento da crítica e a recepção de estimulação adequada, além da estimulação da capacidade de internalização de regras.

Nessa mesma linha, a presente pesquisa busca compreender como se dá a interação/comunicação da criança surda com sua família, já que este é o primeiro núcleo de relações em que ela se encontra inserida e o primeiro que deve apresentar a ela o mundo, considerando suas características específicas e os fatores emocionais envolvidos.

Consideramos que a compreensão ampla da interação/comunicação do surdo na sociedade atual, assim como na sua família, permite-nos elaborar estratégias eficazes que facilitem o convívio social da criança surda. Essas estratégias podem produzir uma maior qualidade de vida às crianças surdas e a construção de suas identidades de forma mais consistente.

Salientaremos com o desenho e o brincar como estratégias de acesso à criança surda. Através destas, avaliaremos e compreenderemos interação/comunicação da criança com o mundo, pois através destas a criança é capaz de expressar seus conteúdos internos e entrar em contato com conteúdos externos, que não podem ser acessados através da comunicação verbal no caso da surdez. Essa troca é benéfica para o desenvolvimento do surdo enquanto indivíduo e para a inserção/comunicação deste na sociedade ouvinte. Também tem como vantagem o fator lúdico, que permite a realização desta troca de modo

divertido e agradável pelo sujeito. Sendo também acessível a qualquer criança, independente da faixa etária, da condição social ou do grau da perda auditiva.

## 5 CAPÍTULO 2

### **A criança surda na construção da relação com a figura materna**

No capítulo anterior buscamos compreender como se dá a interação/comunicação do surdo no contexto social, levantando as dificuldades encontradas e as especificidades que existem ao lidar com a surdez. Neste segundo capítulo consideramos relevante discutir a interação/comunicação do surdo no contexto familiar, uma vez que compreendemos a família como primeiro núcleo de relações no qual a criança está inserida desde os primórdios de sua existência.

Apesar de no primeiro capítulo termos apresentado a surdez em um estágio mais avançado do desenvolvimento, nas fases infantil e adulta, neste capítulo retornaremos para o início da linha do desenvolvimento e faremos uma leitura da relação mãe-bebê nos primeiros meses de vida, para assim, discutir as implicações produzidas por esta relação nos estágios seguintes, mesmo quando não há o diagnóstico da surdez. É importante ressaltar que o estágio principal do desenvolvimento que será estudado nesta pesquisa é a infância, mas para compreendê-la, trabalharemos os primórdios da relação mãe-bebê em um primeiro tópico, para em seguida avançar para a compreensão desta relação na infância, juntamente com as implicações advindas da surdez.

Também é relevante destacar que, entendemos que o núcleo familiar como em sua totalidade tem um papel fundamental para a estruturação do psiquismo infantil e para o acolhimento não somente do bebê que acaba de chegar, como dos pais que o recebem. Em “Tudo começa em casa” (1989), Winnicott resalta esta questão e apresenta o conceito de *holding*, que seria uma função de sustentação que a mãe oferece ao bebê após o nascimento, atendendo constantemente às suas necessidades, discursaremos mais a respeito deste conceito no decorrer do capítulo. Ainda nesta obra, Winnicott amplia este conceito ao apresentá-lo também como uma função da família, que corresponderia a uma “assistência social” dada aos pais.

Sendo assim, entendemos que o acolhimento da criança surda seja uma questão para a responsabilidade de todo o núcleo familiar e que todos os membros da família tem um lugar para o desenvolvimento das relações e da interação/comunicação da criança surda no contexto social futuro. Entretanto, nesta pesquisa iremos discutir mais a respeito da relação mãe-bebê, com o intuito de trabalhar com os primórdios das relações. Já que a figura materna corresponde ao primeiro contato que o bebê estabelece e posteriormente com quem ele irá construir seu primeiro vínculo afetivo.

Aprofundaremos esta compreensão ainda a partir da teoria de D. W. Winnicott, já citado neste trabalho. Autor inglês que nasceu em 1896 e faleceu em 1971, em Londres, Reino Unido<sup>3</sup>. Complementaremos este capítulo com ideia de outros pesquisadores para compreender a relação do bebê com a figura materna e entender quais as especificidades desta relação quando a surdez é incluída.

### **5.1: Relação mãe-bebê**

Neste primeiro tópico discorreremos sobre as três etapas de dependência que norteiam o desenvolvimento emocional do bebê/criança. Seriam elas: a dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. De acordo com Winnicott, o indivíduo nunca atinge o estado de independência absoluta.

Em “O ambiente e os processos de maturação” (1983), Winnicott apresenta-nos a palavra *infante*, que seria designada à criança muito nova, que não possui ainda a aquisição da linguagem para representar aquele que se encontra no estágio de dependência absoluta. Neste momento da vida, portanto, o bebê depende absolutamente do cuidado materno, que se baseia mais na empatia da mãe do que na compreensão do que é ou poderia ser verbalmente expresso.

Sendo assim, o bebê ainda não faz qualquer diferenciação entre ele e o cuidado materno, ambos representam uma unidade. E este não tem possibilidade

---

<sup>3</sup>Em 1927 Winnicott ingressou na Sociedade Britânica de Psicanálise e deu seguimento a esta carreira. Clare, sua esposa, sugere na obra *Explorações Psicanalíticas* (1989) em que faz uma breve descrição sobre a vida e obra do autor, como pista essencial ao trabalho de Winnicott, os objetos e fenômenos transicionais, sendo que neste estudo pode-se encontrar a própria personalidade do autor.

de assumir controle sobre o que é satisfatório ou não, ele apenas vivencia os cuidados que são dirigidos a ele.

Neste estágio primordial do desenvolvimento do bebê, o primeiro objeto apresentado a ele é o seio materno, também conceituado por Winnicott(1983) como objeto subjetivo. Este objeto irá atender às suas necessidades fisiológicas e emocionais, devido aos nutrientes do leite, que a ele são necessários, e ao toque e acolhimento dados durante a amamentação. Este objeto ainda não é compreendido como “não-Eu” pelo bebê, ele tem a ideia de que ele e a mãe são uma unidade. Essa fusão ocorre na medida em que a mãe compreende a necessidade do bebê e oferece o seio exatamente no momento em que ele é capaz de aceitá-lo.

Sendo assim, quando a mãe suficientemente boa, que compreende as necessidades do bebê em seus tempos adequados, apresenta um objeto que corresponde à sua necessidade, ele tem a ilusão de que o seu próprio desejo criou o objeto e o fez existir no ambiente. Quando isso ocorre o bebê vai adquirindo a sensação de onipotência, como se o objeto apresentado fizesse parte dele e assim, estivesse sob o controle mágico do mesmo. Essa onipotência é característica deste primeiro estágio de dependência absoluta.

De acordo com Winnicott (1983), a mãe para ser suficientemente boa necessita apresentar unicamente uma devoção, baseada na preocupação básica e sem ressentimentos com o cuidado. Seu papel é de extrema importância no desenvolvimento do bebê, principalmente no que se refere ao *holding* e à apresentação do ambiente, ela permite não só o espaço para a ilusão, como para a desilusão quando esta se faz necessária. Sendo assim, a mãe suficientemente boa:

*Começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê, e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela (1975, p. 25).*

Também corresponde ao papel da mãe suficientemente boa, de acordo com Winnicott (1983), a realização do *holding*, para isso é preciso que esta esteja atenta e ofereça atitudes que garantam um suporte ao bebê e uma sensação de segurança. É preciso que ela proteja-o de possíveis agressões fisiológicas; mantenha um contato físico afetivo com o bebê, de toque, temperatura e sensibilidades aos sentidos; também é preciso que ela mantenha uma constância em seus cuidados, oferecendo mudanças quando necessário de acordo com as necessidades do bebê.

É a partir do desenvolvimento da fase do *holding* que o bebê é capaz de caminhar para a fase de dependência relativa, e se dar conta da necessidade do cuidado materno. Neste momento, o bebê ainda depende dos cuidados maternos, porém começa a entender que tais cuidados são externos a ele, desconstruindo a ideia de uma unidade.

Nesta etapa mais avançada do desenvolvimento, portanto, a criança utilizará de um objeto para fazer a ligação entre a mãe e o ambiente, para assim, se sentir seguro mesmo na ausência dela e conseguir se desenvolver separadamente, dando espaço para o seu *self* existir. Em “O brincar e a Realidade” (1975), Winnicott discute a importância que esse objeto real pode ter para o bebê, na medida em que este adquire um sentido particular para a criança. Esses são os chamados objetos transicionais e têm como função, dar continuidade à figura da mãe mesmo quando ela não está presente, fornecendo a sensação de segurança e proteção à criança.

*Os objetos transicionais e os fenômenos transicionais pertencem ao domínio da ilusão que está na base do início da experiência. Esse primeiro estágio do desenvolvimento é tornado possível pela capacidade especial, por parte da mãe, de efetuar adaptações às necessidades de seu bebê, permitindo-lhe assim a ilusão de que aquilo que ele cria existe realmente (1975, p. 30).*

Dentre os possíveis objetos transicionais que aparecem para as crianças, podemos destacar: um ursinho, um paninho, uma boneca mais querida, uma música cantada na hora de dormir ou qualquer outro objeto que seja apresentado

pela própria mãe e ressignificado pelo bebê, permitindo a ele manter a mãe no ambiente mesmo quando esta não se faz presente.

Esses, portanto, são os objetos transicionais que surgem na medida em que o conteúdo do mundo externo é apresentado ao bebê pela mãe e ele passa a relacioná-lo com algum aspecto do seu mundo interno, construindo assim uma ponte entre esses dois mundos.

Tais objetos são de extrema importância para o desenvolvimento emocional da criança, eles permitem a ela, separar-se da mãe e ligar-se com o ambiente. É como um meio desenvolvido por ela para viver sem os cuidados reais da mãe, mas mantendo ainda uma representação simbólica dela.

Importante ressaltar que para que a criança consiga simbolizar o cuidado materno através de um objeto transicional, é preciso que ele se diferencie deste cuidado, inaugurando assim, a fase da diferenciação na criança, em que ela é capaz de compreender o Eu e o não-Eu. Em “O Ambiente e os Processos de Maturação” Winnicott relata: “Isso é conseguido através do acúmulo de recordações do cuidado, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção de detalhes do cuidado, com o desenvolvimento da confiança no meio” (1983, p. 46).

Os objetos transicionais se fazem muito necessários no início da vida e vão se fazendo cada vez menos necessários de acordo com o desenvolvimento da criança. Quando a criança possui um self um pouco mais estruturado, o objeto transicional pode aparecer somente em momentos de mais desamparo, como por exemplo, na hora de dormir, em momentos de solidão ou de doença.

Quando a criança já é capaz de desenvolver esse objeto transicional, ele sente-se suficientemente seguro e pode estender essa conquista para outras relações transicionais e assim, poder existir no mundo a partir do seu próprio *self*. Neste momento, a criança encontra-se já na fase de rumo à independência, onde os cuidados maternos reais não são mais essenciais e a criança já é capaz de se relacionar com o ambiente, compreendendo claramente a diferenciação entre Eu e não-Eu e a impossibilidade do controle sobre o mundo real, o que desconstrói a ilusão inicial de onipotência.

Nesse estágio a criança passa a ser um indivíduo integrado, unitário, o que torna possível o “Eu sou”, “Eu faço”. Sendo assim, Winnicott (1989), em “Tudo Começa em Casa”, afirma que esse seria o conceito de saúde, que é a objetivo principal do desenvolvimento emocional e o que vai se constituir mesmo durante a vida adulta.

Para Winnicott, o indivíduo saudável é o indivíduo integrado, que é capaz de articular os conteúdos do mundo interno com os aspectos do ambiente, sem fundi-los como na indiferenciação primária. As etapas de dependência referidas acima levam o sujeito para a construção do *self* verdadeiro, em que os sentimentos são pertencentes do si mesmo, de modo que ele é capaz de reconhecê-los e responsabilizar-se por tais. Quanto a isso, o autor afirma:

*A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas (1989, p. 22).*

Em outro momento, nesta mesma obra, o autor acrescenta que episódios de relaxamento e desintegração também são típicos de uma vida saudável, pois são eles que permitem que existam os impulsos criativos, que são sobrepostos pelas as defesas integradoras durante as tarefas cotidianas. Esses impulsos é que dão movimento ao existir, garantindo ao sentimento o sentimento de se sentir real.

## **5.2: Relação mãe-criança surda**

No tópico anterior foi possível compreender a importância da relação entre a criança e seus pais para o desenvolvimento saudável desta, independentemente da presença de qualquer alteração ou deficiência. Porém, quando a relação mãe-bebê encontra obstáculos de interação/comunicação, como na surdez, é possível que a apresentação do mundo realizada pela mãe

sofra algumas variações que impliquem em dificuldades. Sendo assim, é preciso estabelecer alternativas que possam garantir a superação destes obstáculos, permitindo desta forma, o desenvolvimento satisfatório da criança.

Compreendemos que nos primeiros anos de vida a surdez também gera implicações ao desenvolvimento da criança, mesmo que a escuta e a fala não sejam estruturadas. Tosta (2012), através da teoria de Winnicott, descreve que na primeira fase da vida ocorre um fenômeno chamado mutualidade, em que a mãe e o bebê comunicam-se silenciosamente, trata-se de uma comunicação sem palavras que se dá na normalidade. Apesar disso, este trabalho concentra-se em compreender as especificidades da surdez quando a linguagem oral já está estruturada, por isso, abordaremos nesse tópico a infância. Quanto a esta comunicação silenciosa, Winnicott afirma em “Os bebês e suas mães” (1987):

*Talvez seja possível dizer que alguma forma poderosa de comunicação ocorra já desde o início da vida de cada indivíduo, e que, seja qual for o potencial, a estrutura concreta de experiências que resulta em uma pessoa é precária; o desenvolvimento pode ser retardado ou deturpado a qualquer momento; no início, a dependência é realmente absoluta (p.81).*

Desse modo, a importância da mãe para o desenvolvimento do bebê é absoluta, assim como sua dependência. A mãe precisa compreendê-lo a partir de uma comunicação inicialmente silenciosa para atender às suas necessidades fisiológicas e emocionais.

É possível compreender como uma das especificidades da relação da mãe-criança surda, a partir da pesquisa de Domingues, Motti & Palamin (2008), que há uma presença frequente por parte destas na vida de seus filhos. Os autores afirmam que as 20 mães participantes deste estudo procuravam estar com os filhos todo o tempo que elas tinham disponível. Essa relação próxima é compreendida pelas autoras como positiva, pois “estando presentes na maior parte do tempo é que as mães são capazes de perceberem as dificuldades da criança no convívio social e orientá-los com mais eficiência” (p. 41).

Porém, o trabalho de Marzolla (2012) leva-nos a refletir sobre outro ponto, pois de acordo com a autora, essa proximidade de mães de crianças surdas com

seus filhos pode acarretar uma relação fusionada, o que é prejudicial para o desenvolvimento de ambas, especialmente da criança. No trabalho realizado por ela com mães de crianças surdas, um dos motivos que impossibilitava a realização do atendimento de pais de crianças surdas, foi a dificuldade de separação entre mães e filhos. A respeito disso, foi realizada uma oficina do brincar com os filhos das mães participantes, que viabilizava o funcionamento dos grupos. Sendo assim, a autora afirma:

*Tive várias oportunidades de acompanhar relações fusionais do vínculo mãe-filho, em diversos graus, por exemplo, de perturbação severa em que a mãe e a criança não se separavam e qualquer possibilidade de separação detonava angústia na dupla (p. 42).*

Podemos então, compreender que a presença da mãe na rotina da criança surda e o vínculo estabelecido com ela são de fato existentes e podem beneficiar a inserção/comunicação da criança no mundo, porém muitas vezes essa relação pode aparecer de forma enviesada. Quando o vínculo ocorre de maneira fusional, ou quando o contato que a mãe oferece à criança acontece de modo despreparado.

Retomando a teoria de Winnicott, podemos pensar que a surdez poderia implicar em dificuldades da construção do desenvolvimento emocional e conseqüentemente na construção do *self* verdadeiro. Pois se a mãe não se sente segura e preparada para oferecer um *holding* de qualidade, a relação com a criança torna-se enviesada e a construção do Eu/não-Eu acaba acarretando em maiores dificuldades.

Quando a mãe se faz presente fisicamente e interage com o filho de forma positiva, promovendo o *holding* e direcionando esta atividade para o relacionamento social, interferindo na brincadeira de forma simbólica e permitindo o contato com a criança com seus pares, ela está favorecendo o contato da criança com o ambiente de forma criativa. Por outro lado, quando esta interação/comunicação com o ambiente não é incentivada ou quando a interferência para que esta interação/comunicação ocorra se dá de forma a limitar a criatividade, apresentando o brinquedo como um simples objeto, ou

inviabilizando o contato da criança com outras pessoas, a mãe acaba dificultando o convívio social da criança de modo satisfatório.

Sendo assim, os resultados do estudo de Domingues, Motti&Palamin (2008), apontam também que, embora as mães estejam presentes na relação com seus filhos, há um possível despreparo delas na interação/comunicação com os mesmos. De modo que:

*Os comportamentos inadequados apresentados pelas crianças, como agitação e birra, eram, por sua vez, prováveis consequências das recorrentes frustrações causadas pela dificuldade na comunicação. Em 65% dos casos, a escolha da mãe era bater para corrigir tais comportamentos, o que pode levar a uma reação agressiva por parte das crianças (p.42).*

Esses obstáculos encontrados no estabelecimento da relação com a mãe exigem um olhar mais atento dos especialistas, para direcionarem um preparo mais adequado para as mães no estabelecimento da interação/comunicação e da apresentação dos elementos do mundo externo. Pensando no conceito da mãe suficientemente boa, abordado no tópico acima, é possível acrescentar que esses obstáculos podem oferecer dificuldades na compreensão da mãe a respeito das necessidades do filho. Principalmente quando o olhar da mãe direcionado a ele está atravessado pela surdez.

Não podemos deixar de considerar que uma alteração como a surdez atinge a ferida narcísica dos pais. Que ao desejarem o nascimento do filho, se deparam com uma alteração indesejada, que desconstrói a imagem do filho ideal. Quanto a isso, Faria (1997) afirma:

*O objeto/filho destinado à realização do desejo parental, ao frustrar com suas características acidentais, a plena realização desse desejo, torna-se um depositário quase universal de qualidades frustradas e induz a um sentimento de auto-desvalorização aqueles que o conceberam como responsável pela realização de seus desejos (p.126).*

Pensando nisso, não podemos deixar de considerar este aspecto quando no momento em que a mãe está oferecendo o *holding* à criança. Ao olhá-la, a mãe se depara com a imperfeição que é compreendida como dela, o que pode

interferir não somente na construção do vínculo, mas também no olhar que a criança irá construir sobre ela mesma a partir dos cuidados maternos. Sendo assim, é preciso que a mãe tenha uma estruturação que a permita olhar o filho além da surdez, trabalhando do modo possível suas questões narcísicas recorrentes da imperfeição do filho.

Para lidar com isso, é preciso que uma reflexão profunda sobre surdez seja realizada, para que a interação/comunicação possa ocorrer de forma saudável. Desse modo, o estudo de Bolsoni-Silva, Rodrigues, Abramides, Souza & Loureiro (2010) concorda com a importância de elaborar estratégias que possibilitem a interação do surdo na sociedade, desse modo, os autores destacam que *cabe* “aos profissionais cuidar não apenas da criança surda, mas também de seus familiares para que possam oferecer à criança a oportunidade de se desenvolver”(p.267).

Essas estratégias de acesso ao surdo, de acordo com as autoras, devem fugir da oralidade, uma vez que a audição e muitas vezes, também a fala, estão comprometidas na criança surda. É preciso estabelecer interações/comunicações a partir do gesto, do olhar, do ato social de mostrar objetos, do afeto e principalmente da expressão facial. Essas vias de acesso ao surdo podem facilmente se apresentar em brincadeiras que não se baseiem somente na comunicação oral.

Deste modo, os resultados da pesquisa indicam que as interações estabelecidas entre mães e filhos favorecem a aquisição e manutenção de repertório de habilidades sociais, o que legitima novamente a importância em se trabalhar primeiramente com os pais para que a criança consiga ter acesso às informações sociais e assim, possa se inserir na cultura ouvinte.

Com base nas dificuldades apresentadas no primeiro capítulo em relação à surdez e a sociedade e com base nas dificuldades de pais e familiares em relação à surdez, compreendemos ser de grande importância a criação de estratégias de acesso que facilitem a inserção/comunicação do surdo no núcleo familiar e no contexto social.

Entretanto, essas estratégias não devem ser compreendidas como uma busca incessante dos surdos em se adaptar aos padrões e condutas sociais, precisando, portanto, adequar-se a sociedade. Essas estratégias, que serão desenvolvidas no próximo capítulo, devem ir além e buscar trabalhar a partir das dificuldades encontradas pelo Outro no trato com a surdez, visando construir uma sociedade que receba o surdo e crie estratégias que viabilize o acesso a ele. Isso facilitará também a construção de um indivíduo com um *self* verdadeiro e bem estruturado, capaz de assumir responsabilidades e de viver sua própria vida.

## 6 CAPÍTULO 3

### **Estratégias de interação/comunicação para o convívio da criança surda**

Como resultado das compreensões obtidas a partir do estudo realizado nos capítulos anteriores, ao que se refere à interação/comunicação do surdo na sociedade ouvinte e no núcleo familiar, este capítulo propõe apresentar estratégias que viabilizam a interação/comunicação do surdo nas diversas áreas de convívio social. A partir dessas estratégias é possível produzir situações de contato com o surdo que permitam a ele experimentar o mundo e construir seu *self* a partir de suas próprias experiências.

Como estratégias principais, selecionamos o brincar desenvolvido em grande parte a partir da teoria de Winnicott, e o Jogo do Rabisco, criado e utilizado pelo mesmo autor em situações clínicas. Além do próprio autor de base, utilizamos também outros autores relacionados ao tema para ampliar a discussão. Sendo assim, neste capítulo trabalharemos com estratégias que facilitem o acesso ao surdo e possibilitem a interação/comunicação deste no convívio social, através de outros meios que não a escuta. É interessante ressaltar que estas estratégias podem também ser utilizadas em crianças com outras alterações e até em crianças que não possuem qualquer alteração específica, simplesmente por ser um elemento positivo de contato com o outro.

Consideramos que através dessas estratégias, é possível produzir uma sociedade mais preparada e receptiva às diferenças, uma vez que a interação/comunicação torna-se viável. Sendo assim, as estratégias apresentadas abaixo visam produzir novas oportunidades de inserção aos surdos, de modo que estes possam sentir-se pertencentes à sociedade tanto quanto os ouvintes.

#### **6.1: O brincar da criança surda**

Inicialmente, é importante lembrar que o brincar em termos de elaboração mais completa, relacionado à transicionalidade, foi um conceito desenvolvido posteriormente na teoria de Winnicott. Este conceito surgiu após o estudo da

relação mãe-bebê, das fases de dependência, da transicionalidade, do próprio Jogo do Rabisco em si e de outros conceitos. Apesar disso, o brincar já havia sido abordado de forma menos aprofundada no decorrer de toda obra do autor, mesmo antes da publicação de “O Brincar e a Realidade” em 1971<sup>4</sup>. Nesta pesquisa, portanto, trabalharemos com o brincar já neste primeiro tópico, antes mesmo do Jogo do Rabisco já discutido pelo autor nesta data, pois consideramos os jogos como um desmembramento do brincar que está inserido nesta atividade.

Desse modo, compreendemos previamente que a atividade do brincar proporciona o intercâmbio afetivo que viabiliza a comunicação, e o acesso ao pensamento da criança, devido aos elementos concretos da brincadeira que se misturam com o simbolismo da capacidade criativa de cada criança. Sendo assim, o brincar pode ser compreendido como uma estratégia de acesso ao mundo interno da criança surda e não surda, podendo ser utilizado em todas as idades do desenvolvimento, inclusive na vida adulta, e podendo ser compreendida a sua relevância dentro e fora do contexto clínico, já que se trata de uma atividade presente em todos os momentos da vida infantil.

Sendo assim, neste tópico buscaremos explicar o intercambio afetivo proporcionado pelo brincar e a comunicação que é viabilizada por este com embasamento no trabalho de Winnicott e de outros autores. Além disso, discutiremos sobre a importância e as particularidades do brincar enquanto fenômeno transicional, principalmente no que se refere à criança surda.

Já que quando tratamos de crianças surdas, não podemos desconsiderar que algumas especificidades podem existir no modo com que estas brincam, já que consideramos que o brincar envolve comunicação, mesmo que não seja oral. Apesar disso, A. Oliveira, Almeida, S. Oliveira e Pinto (2006), relatam a partir da observação do brincar realizada em sua pesquisa, que, crianças surdas e não surdas brincam da mesma forma, com brincadeiras adequadas às idades em que se encontram, o que demonstra que estas se desenvolvem também da mesma forma.

---

<sup>4</sup>Obra em que o autor irá discorrer de forma aprofundada sobre o brincar, relacionando-o à transicionalidade e a outros fenômenos importantes do desenvolvimento emocional infantil.

Sendo assim, é importante acrescentar que as observações do brincar realizadas nesta pesquisa não indicam dificuldades no relacionamento entre as crianças pela diferença de idade, pelo contrário, a pesquisa apontou a presença de uma forte interação entre elas, apesar do direcionamento realizado pelas professoras. Também foi relatado neste trabalho que, a maioria das crianças reconhece o parceiro no brincar, entendendo o “outro” como alguém passível de emoções. Além disso, todas elas se mostraram capazes de planejar ações com começo, meio e fim nas brincadeiras. Destacando-se principalmente os episódios de faz-de-conta que ocorriam de maneira bastante articulada, com ações que são pertencentes ao mundo ouvinte.

De acordo com estes resultados, a surdez não alteraria em nada o brincar da criança, porém, os autores ainda afirmam que podemos considerar a existência de especificidades na construção da relação da criança surda com o brincar ou com o brinquedo. Principalmente com crianças maiores, a partir dos três anos, quando a linguagem oral já pode ser introduzida na brincadeira, o brincar pode ganhar ainda mais um caráter diferenciado para a criança surda, pois ela deixa de participar de conversas com adultos que possibilitariam a criação de significações variadas.

As autoras ainda acrescentam a respeito da criança surda que, pela falta de repertório verbal ou pela ausência total da fala, o brincar ganha um valor ainda mais significativo, já que ela irá conhecer o mundo basicamente através do contato gestual, que pode ser facilmente articulado na brincadeira. O brincar, então, passa a ser a base para as relações, na qual a criança será capaz de construir suas próprias vivências, aprendendo a lidar com os fatos por meio dos brinquedos e adquirindo uma segurança maior no trato com a realidade. O que é extremamente necessário, já que muitas vezes, esta segurança na criança surda pode encontrar-se defasada, devido ao estigma e a dificuldade de relação social pela impossibilidade da escuta. A. Oliveira, S. Oliveira e Pinto ainda afirmam sobre a criança surda no brincar:

*Passa a lidar de forma natural com o mundo, para entender suas regras e exigências sociais, porque não encontra muitas vezes respostas para seus questionamentos, pois seu vocabulário*

*ainda é precário, enquanto o da criança ouvinte é rico, pela diferença na possibilidade de ouvir (p.82).*

Apesar do desenvolvimento da criança surda ser compreendido como dentro do esperado, em relação ao da criança ouvinte, a pesquisa de Silva e Pereira (2003) aponta para outro aspecto interessante do desenvolvimento da criança surda no ambiente escolar. De acordo com estas autoras, as professoras de alunos surdos entrevistadas também afirmam que o aluno surdo não é compreendido como menos capaz que o aluno ouvinte, e que seu desenvolvimento é totalmente dentro do esperado. Elas justificam muitas das dificuldades encontradas ao despreparo pessoal delas próprias e relatam que os comportamentos de irritação, agitação e nervosismo se dão pela não compreensão da criança em relação à atividade que está sendo proposta em classe e não à surdez.

Apesar disso, as autoras destacam que o discurso das professoras apresenta-se em oposição ao comportamento exercido por estas em sala de aula, pois:

*Embora façam um discurso de que os alunos surdos têm todas as condições de serem incluídos porque são inteligentes, aprendem, se comportam bem; na prática, eles são tratados como excluídos, pois se exige menos do aluno surdo e se tolera muito mais comportamentos e atitudes deles, diferentemente do que a professora faz com outros alunos (p. 176).*

Quanto a este relato, é possível pensar sobre a dificuldade da incorporação do conhecimento teórico sobre a surdez, que levaria a uma práxis diferenciada no trabalho com as crianças surdas.

Nesta mesma pesquisa, as autoras diferenciam duas concepções a respeito da surdez, a primeira seria a visão clínico-terapêutica, que compreende a surdez como deficiência. A segunda seria a visão sócio-antropológica, que compreende esta como uma diferença.

Sendo assim, ao lidar com crianças surdas em um contexto ouvinte é preciso considerar que há uma diferença em questão no que se refere à

linguagem. Este aspecto, muito importante, não deve ser ignorado, para que estratégias de ensino e de comunicação possam ser criadas e assim seja possível dar conta da defasagem descrita, permitindo assim, a inserção do surdo no contexto social, ouvinte e não ouvinte. As últimas autoras mencionadas revelaram em seu trabalho o sentimento de compaixão no relato de algumas professoras, ao discutirem sobre seus alunos surdos. Este é um aspecto que nos chama atenção e que muitas vezes pode ser encontrado também em nossa sociedade e que acaba impedindo que medidas sejam tomadas para lidar com essas dificuldades em relação à linguagem que no cotidiano do surdo, podem ser percebidas como reais.

Ainda sobre o brincar, Giovanella e Falkenbach (2009) acrescentam para justificar a importância deste tanto na área da aprendizagem quanto em outros campos, que:

*A atividade lúdica é para a criança um dos principais meios de expressão, de comunicação com o mundo que a cerca, que possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, assim como a simbolização do mundo interior de pensamentos e afetos, através da imaginação, que a criança externaliza a realidade, desejos, conflitos e vivências íntimas (p. 42).*

Isso nos leva compreender a necessidade da elaboração de estratégias que possam viabilizar a comunicação do surdo. Estratégias que não lidem somente com crianças surdas, mas que preparem também cuidadores próximos, pois isso irá interferir diretamente no modo com que a surdez é compreendida socialmente e principalmente na forma com que o surdo será incluído. Incluir a diferença não é apenas aceita-la, mas também preparar-se para recebê-la, permitindo o acesso a informações e o bem-estar de todos os indivíduos envolvidos de forma eticamente justa.

Considerando a relevância do brincar já relatada nos capítulos anteriores, ligada a diversas áreas do desenvolvimento infantil, buscaremos compreender o brincar a partir da visão de Winnicott e posteriormente, relacionar esta atividade à surdez, tema central da pesquisa. Consideramos de grande importância compreender o fenômeno do brincar primeiramente, de maneira mais

aprofundada, devido à complexidade importância do tema e também devido à vasta literatura existente na área.

Sendo assim, a partir da discussão em torno do conceito de objetos transicionais, podemos pensar que o brincar pode ser um fenômeno transicional, quando aparece como uma prática saudável, criativa e espontânea, pois através dele a criança, assim como o adulto, pode dar um sentido singular à brincadeira, relacionando-a com um conteúdo do seu mundo interno.

Para compreender o brincar enquanto fenômeno transicional, devemos nos atentar a algumas de suas características. Primeiramente, é importante notar que quando uma criança brinca, a brincadeira possui um valor muito grande para ela, mais do que o conteúdo da brincadeira, segundo Winnicott, o importante é se atentar ao modo com que a criança brinca e o sentido que tal brincadeira tem para ela. A concentração destinada à brincadeira e o cuidado que a criança tem com cada elemento desta, nos leva a entender que a brincadeira não se trata unicamente do mundo externo, pois há um valor subjetivo designado a ela. Como também não pode ser definida apenas como realidade psíquica interna, pois está fora do indivíduo e trata-se de um material expresso que acessível ao outro. Sendo assim, o brincar é um fenômeno transicional, e por isso se encontra entre estes dois meios, interno e externo.

Além disso, outra característica do brincar é confiança que esta atividade proporciona. Pois, na medida em que a criança atribui grande significado para um determinado objeto que é externo e, portanto, possui uma grande chance de perda e frustração, e mesmo assim permanece recebendo grande parte do seu afeto, é porque esta criança estabeleceu certa confiança na relação com este objeto e com o mundo externo. Esta confiança é construída na forma com que este mundo é apresentado a ela e mesmo quando a brincadeira frustra, a criança é capaz de permanecer brincando e elaborar novas formas de criação para lidar com estas frustrações, inclusive na própria brincadeira.

Mais uma característica, discutida por Winnicott, que podemos ressaltar é em relação com a espontaneidade do brincar. Segundo o autor, o brincar deve ocorrer sem que haja a submissão de nenhuma das partes, de forma que a

criança se sinta livre para expressar-se ao seu modo. Isso não quer dizer que o cuidador responsável não possa entrar na brincadeira, é perfeitamente aceitável para Winnicott que o adulto brinque. Porém, este deve se manter disponível para brincar e permitir-se entrar na brincadeira quando possível, deixando de participar dela apenas no papel de administrador.

De acordo com o autor, a brincadeira possui tudo em si e é preciso trabalhar com essa complexa totalidade, de modo a não bloquear possíveis experimentações. Sendo assim, “a precariedade da brincadeira está no fato de que ela se acha sempre na linha teórica existente entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido(1975, p.75)”. Ela vai além dos moldes teóricos interpretativos, e exige também um olhar que vá além daquilo que é objetivamente percebido. De acordo com o autor, é preciso estar mais próximo e vivenciar a brincadeira para ser capaz de atingir a sua compreensão.

Um ponto importante a ressaltar é que o brincar só pode ser um fenômeno transicional quando ocorre de forma saudável, pois neste momento em que a criança é capaz de manter-se nesse espaço entre o interno e o externo, existindo de forma criativa. O brincar é uma atividade que permite a liberdade de criação, pois o sujeito pode existir no seu modo mais verdadeiro, já que o brincar carrega um aspecto de relaxamento que é facilitador da exposição de conteúdos internos.

Este espaço em que ocorre o brincar e outros objetos e fenômenos transitacionais foi definido por Winnicott como espaço potencial. Este espaço varia de acordo com as experiências do bebê na sua relação com a mãe ou figura materna, que vão determinar este espaço durante toda a existência do indivíduo. Este é um espaço onde tudo pode acontecer, de acordo com a capacidade criativa de cada um. Ele depende exclusivamente do sentimento de confiança que o bebê constrói em relação à mãe e aos objetos do ambiente para existir. De acordo com isso, Winnicott afirma que “esse espaço potencial encontra-se na interação entre nada haver senão eu e a existência de objetos e fenômenos situados fora do controle onipotente”(1975, p.139).

Para Winnicott, a criatividade citada aqui vai além das habilidades artísticas reconhecidas em nossa sociedade, ela corresponde a um fenômeno mais amplo e

universal que está presente em qualquer pessoa, permitindo a ela a percepção da vida como digna de ser vivida. Sendo assim, a criatividade é o que impulsiona todo indivíduo a produzir, viver e significar. E compreender o modo com que o indivíduo é criativo é compreender o modo com que ele lida com a realidade. O brincar portanto, é um atividade criativa, em que a criança é capaz de se encontrar naquilo que produziu e assim, reconhecer e descobrir o seu *self*.

No livro “A criança e seu mundo” (1979) de Winnicott, podemos entender a relação da função do brincar com as razões pelo qual a criança brinca. Neste livro o autor aponta que mais do que a maioria das pessoas pensa, as razões pelo qual a criança brinca, vão além da simples satisfação e da sensação agradável que esta atividade proporciona a ela. Para o autor, o brincar estaria atrelado a um espaço de possibilidades, em que é permitido à criança, se expressar e elaborar sua agressão, sua ansiedade, adquirir experiências vivenciais, efetuar amizades e integrar sua personalidade.

Neste texto, o autor considera que o espaço do brincar é um bom meio ambiente quando é capaz de tolerar aquilo que a criança tem necessidade de expressar, sendo assim, o adulto deve ser capaz de permitir a agressividade na brincadeira, evitando que esta parte tão essencial dela seja negada. É preciso então, saber proporcionar um brincar que acolha esta agressividade e um cuidador que possa suportá-la sem produzir um comportamento também destrutivo sobre ela. O brincar permite que a criança aprenda a lidar com a agressividade, que é inata ao ser humano, de uma forma aceitável, permitindo a ela se inserir nas normas sociedade sem encobrir seus conteúdos destrutivos.

Mais difícil do que pensar a brincadeira como campo de expressão da agressividade, é pensar a brincadeira como lugar de elaboração da ansiedade, quanto a isso, ainda neste mesmo livro, Winnicott afirma que outro aspecto proporcionado pelo brincar é o controle da ansiedade. Quando a criança possui uma ansiedade extrema ela se torna incapaz de brincar. Quando não de forma extrema, essa ansiedade ou angústia pode aparecer na brincadeira a partir da repetição, da compulsão ou da busca exagerada por prazeres ligados à brincadeira. Mais uma vez é necessário relatar que o ambiente do brincar possui uma importância grande, uma vez que permite a produção dessa ansiedade e a

expressão da mesma. Sendo assim, Abram (2000) acrescenta que a interrupção da brincadeira e a desconstrução desse ambiente têm de ser realizada com certa sensibilidade pelo adulto.

Winnicott(1979) ainda faz outra referência ao por que do brincar, lembrando que a criança adquire experiências brincando. Esse aspecto do brincar é mais claro e facilmente observável, uma vez que a criança antes mesmo de adquirir a fala se relaciona com o mundo através do brincar. Mesmo após a aquisição da fala, ou da linguagem de sinais, por exemplo, a criança permanece brincando e descobrindo o mundo através do brincar. Winnicott diz que a criança evolui a partir da brincadeira e das invenções de brincadeiras, uma vez que a fantasia ganha forma através do brincar e enriquece o modo de ser da criança. Tais invenções se dão, de acordo com este autor, através da capacidade criadora da criança que corresponde a sua vivência.

O brincar também proporciona a possibilidade de relacionamento da criança com outras crianças e também com os adultos. Sendo assim, ela é capaz de fazer amizades e descobrir o seu self a partir deste contato. De acordo com o Winnicott:

*A brincadeira fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais. (...) Pode-se facilmente ver que as brincadeiras servem de elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior, e, por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa compartilhada (1979, p. 163).*

Com essa afirmação de Winnicott é possível concluir que o brincar tem também uma importância para a expressão dos conteúdos internos da criança, que muitas vezes, são desconhecidos também a ela – inconscientes. Além de expressar os conteúdos, a criança também é capaz de elaborar seus conflitos a partir da fantasia e reduzir o sofrimento causado por estes.

Além dos aspectos emocionais e daqueles ligados às relações da criança, podemos pensar que o brincar também possui uma importância quanto ao desenvolvimento físico e cognitivo da criança. Através desta atividade, a criança pode exercitar suas capacidades motoras e adquirir conhecimentos, dependendo

do modo com que a brincadeira é conduzida. Também é possível lembrar que a alfabetização, assim como o processo de aprendizagem de forma geral, pode se dar por meio do brincar, quando é apresentado e conduzido por um adulto. Esse aspecto, sem dúvida, agrega um valor maior à atividade do brincar, porém se distancia do olhar espontâneo direcionado ao brincar que é focalizado na teoria de Winnicott.

A partir das referências feitas aqui à importância do brincar, podemos compreender que esta não é uma atividade simples, pois engloba diversas áreas do desenvolvimento infantil e exige uma organização da criança em relação a estas. Desse modo, Winnicott (1979), diz que uma criança que possui uma grave cisão de personalidade não consegue brincar de forma reconhecível pelo outro. Pois a brincadeira, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento desta integração do indivíduo, também exige certo grau de integração da personalidade dele, para articular todos os aspectos de seu desenvolvimento e permitir a criação. Assim, podemos compreender que o brincar se trata de um fenômeno que engloba a criança na sua totalidade.

Por fim, podemos concluir que o brincar possui uma importante tarefa na infância, assim como na vida adulta, inaugurando um espaço cultural que está associado às infinitas formas de expressão da espécie humana. Esta tarefa pode também estar relacionada ao papel da mãe, pois esta pode ser apresentada de formas variadas por ela, podendo assim, se tornarem mais ou menos atrativas à criança. Desse modo, o brincar é abordado nesta pesquisa por ir muito além da linguagem oral e por corresponder a um fenômeno de ordem universal. Compõe-se de características vastas e pode ser compreendido como um fenômeno transicional de imensa importância para o desenvolvimento infantil, pois serve como ligação com o mundo externo.

## 6.2: Jogo do Rabisco<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Originalmente nomeado como *Squiggle Game*.

A ideia do jogo enquanto possibilidade de atendimento clínico foi desenvolvida e expandida por Winnicott e acabou indo muito além de seus propósitos originais. De acordo com Tosta em “Os princípios das consultas terapêuticas como parâmetros para a clínica winnicottiana” (2012), o trabalho com jogos desenvolvido pelo autor, criou uma nova proposta de atendimento em Psicanálise que fugia dos moldes tradicionais e possibilitava que novos dispositivos clínicos fossem aplicados.

Essa nova proposta criada, Winnicott sugere que a criança passe por um processo de experiência completa durante o jogo. Essa experiência completa é descrita por Tosta neste mesmo texto, a partir da apresentação de três tempos principais que se dão de acordo com a conduta apresentada pela criança. Primeiramente, Tosta relaciona esse conceito de experiência completa ao Jogo da Espátula e posteriormente articula-o com o Jogo do Rabisco.

Sendo assim, no primeiro tempo, o autor descreve que durante o atendimento clínico, a criança tende a reagir com certa hesitação ao atendimento, o que o autor considera dentro do esperado, devido ao fato do analista e o *setting* terapêutico ainda serem desconhecidos ao paciente. Sendo assim, a criança mantém-se em estado de expectativa e imobilidade.

Apenas no segundo tempo é que a criança poderia começar a estabelecer uma autoconfiança, sendo capaz de realizar explorações ao objeto (espátula) durante o atendimento. Segundo Tosta, esse seria o momento mais importante do atendimento, em que se cria um espaço potencial entre o paciente e o analista, dando lugar ao brincar e, portanto, à comunicação.

No terceiro e último momento, a criança já haveria cessado sua exploração ao objeto e seria capaz de estabelecer uma relação de confiança com o analista, podendo assim, desfazer do objeto, pois a relação transicional já se deu e a criança já pode se beneficiar do *holding* oferecido pelo analista. Nesse momento, o objetivo do atendimento já foi obtido e o analista pode finalizá-lo.

É possível relacionar a esses três tempos do atendimento, as fases de dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência, descritas no capítulo anterior. Pois da mesma forma que a criança interage com o ambiente a

partir da relação que se estabeleceu inicialmente com a mãe. No decorrer desses três tempos, a criança também irá interagir com o objeto (espátula) a partir da relação que irá se estabelecer com o analista.

Sendo assim, tanto a partir da sua própria vivência com o objeto mãe, quanto futuramente com o analista, a criança irá buscar sentir-se segura para entrar em contato com o mundo. Com isso, podemos perceber que os aspectos vivenciais são de grande importância para Winnicott, não somente na clínica, mas em todo o desenvolvimento emocional da criança, pois, será através da experiência completa que ela será capaz de desenvolver uma relação de transicionalidade e assim, entrar em contato com seu *self* e dar lugar ao aparecimento da surpresa.

Para a autora, a surpresa gerada na segunda etapa durante o brincar seria mais importante do que o *insight* no modelo tradicional da clínica, pois o brincar estaria no presente, enquanto que o insight gerado pelo discurso estaria no passado e, portanto, não na experiência. De acordo com Winnicott, a surpresa é a prova de que houve a superação da dissociação, que algo pode ser integrado à personalidade do paciente.

Sendo assim, o Jogo da Espátula inaugura um novo enquadre psicanalítico, em que o paciente se relaciona com o ambiente a partir da experiência e o analista aparece totalmente implicado no atendimento, oferecendo ao paciente o suporte necessário – *holding*.

Essa mesma relação com o analista, proposta no Jogo da Espátula também é estendida ao Jogo do Rabisco. Este segundo jogo corresponde a um dos meios que o autor inglês utilizou para colocar em prática sua teoria sobre o brincar terapêutico e será apresentado nesta pesquisa como uma possível estratégia de interação/comunicação do surdo.

Sendo assim, em “O Jogo do Rabisco” (1989), Winnicott conceitua o Jogo do Rabisco como uma construção coletiva de um desenho baseado em um rabisco inicial produzido por uma das partes. O analista solicita que a criança, a partir de um rabisco realizado por ele, complemente-o de modo a formar uma figura. Depois solicita que a criança realize o rabisco inicial e ele o complemento,

formando então uma figura. Nesse jogo não há regras, por isso, a criança pode se sentir livre para vivenciar a tarefa de acordo com o seu desejo. Isso exige certa flexibilidade do analista, que precisa se adaptar as alterações e formulações propostas pela criança.

Dentre as características do Jogo do Rabisco, Tosta (2012) destaca que os rabiscos partem sempre de movimentos impulsivos e inconscientes, que com a participação do analista, dão lugar a uma figura de integração que faz parte do sujeito. Com isso, podemos pensar que o Jogo do Rabisco se trata também de uma experiência completa, em que a criança será capaz de se expressar e a partir do relacionamento com o analista, integrar elementos ao seu *self*.

De acordo, ainda com esta autora (2012), os movimentos impulsivos que dão lugar ao desenho são correspondentes de uma linguagem intermediária, que se encontra entre a comunicação direta e a indireta. A essa linguagem, não se relaciona necessariamente à fala e à escuta, pois se trata de uma linguagem que está fora do campo racional, correspondente a uma forma de comunicação mais profunda e mútua, ligada ao campo da transicionalidade. Como vimos no capítulo anterior, o campo da transicionalidade corresponde à ponte realizada pelo sujeito entre o mundo real e o mundo interno. Essa ponte não está fora e nem dentro do sujeito, mas na fronteira entre ele e o mundo. Nesse campo o sujeito simboliza um conteúdo interno através de um elemento do mundo real que lhe foi apresentado.

Essa linguagem transicional, a autora relata que é criada no momento em que o analista disponibiliza sua criatividade em benefício do paciente, estabelecendo assim, um espaço potencial em que o paciente pode existir e simbolizar livremente. A ligação com o analista permite que o paciente se sinta seguro para produzir os rabiscos e assim expressar seus conteúdos inconscientes. Esse seria o *holding* oferecido pelo analista, que dá sustentação para que o paciente possa expressar-se e diferenciar-se no desenho. Desse modo, podemos pensar que o analista em diversos casos poderá se assemelhar a figura materna, uma vez que oferece os cuidados necessários ao paciente de forma profissional.

Considerando que o Jogo do Rabisco encontra-se no campo da linguagem transicional, podemos entender que este viabiliza a comunicação não-verbal, uma vez que a relação entre paciente e analista se constrói basicamente através da produção do desenho e da comunicação inconsciente. Com isso, podemos pensar que esta prática pode ser bem aproveitada na construção da relação entre surdos e não surdos.

Para compreender essa linguagem transicional produzida pelo Jogo do Rabisco, podemos nos lembrar de um caso bastante interessante descrito por Winnicott, em “Consultas Terapêuticas em psiquiatria infantil” (1984), neste caso é possível visualizar claramente o tipo de comunicação que é viabilizada pelo desenho. O caso trata-se de um menino finlandês, chamado Iiro, de nove anos e nove meses que era acompanhado pela área ortopédica de um hospital na Finlândia, em razão de uma alteração chamada, sindactilismo. Este era um problema congênito que recebia atenção do menino durante toda a sua vida. Winnicott então foi convidado a descrever o caso para um grupo de especialistas do hospital.

Ele propôs o Jogo do Rabisco ao garoto e teve o acompanhamento de uma interprete durante o atendimento, devido ao fato do garoto falar apenas finlandês, língua desconhecida de Winnicott. Quanto ao envolvimento da interprete, o autor relata:

*Miss Asikainen mostrou-se uma excelente interprete, pois foi rapidamente esquecida tanto por mim quanto por Iiro, e pode-se dizer que não teve influencia no curso dos acontecimentos. Na verdade, não teve muita conversa e, por isso, a sua participação foi mínima (1984, p.20).*

Com isso é possível notar que em muitos casos o desenho fala por si só, o que torna desnecessário o uso da linguagem oral. Em função disso, essa prática pode ser compreendida como um bom meio de acesso à criança surda, não apenas no atendimento clínico, mas também na prática escolar ou simplesmente como um meio de comunicação entre familiares.

Além de a linguagem oral ser desnecessária, a construção da relação com o analista também é bastante positiva. Em “O Jogo do Rabisco” (1989) Winnicott comenta sobre a importância da interação paciente-analista como uma relação humana. Podemos compreender a importância dessa relação e ampliá-la para outras figuras que participem dessa tarefa juntamente com o surdo, fora da clínica.

Winnicott destaca que o principal objetivo do Jogo do Rabisco é que o analista possa oferecer um suporte à criança. Sendo assim, esta prática não deve ser compreendida como um teste psicológico ou uma ferramenta interpretativa, pois é interessante neste momento que as interpretações sejam deixadas de lado, mesmo que haja momentos propícios para realizá-las. Sendo assim, ele descreve que “talvez o principal trabalho que se faz seja da natureza da integração, tornada possível pelo apoio no relacionamento humano, mas profissional – uma forma de sustentação – *holding* (1989, p. 230)”.

Essa relação que Winnicott estabelece entre paciente e analista no Jogo do Rabisco é muito semelhante ao que procuramos trabalhar na relação de interação/comunicação do surdo com o não surdo. Ambas se tratam de uma relação de troca e comunicação, em que ambas as partes se beneficiam e estão integradas e fortemente relacionadas para a realização de um objetivo maior.

Entendemos que é de grande importância que o surdo possa estabelecer esta relação de troca com o outro. Entretanto, pelo fato da ausência da escuta comprometer a interação/comunicação, muitas vezes essa relação torna-se prejudicada, como vimos no decorrer deste trabalho. Desse modo, portanto, propomos que se estabeleça uma relação de troca através do Jogo do Rabisco, como forma de estruturação da relação transicional entre a criança surda e o adulto não surdo.

Devido à simplicidade desta prática e do interesse que crianças costumam manter por ela, é possível que o Jogo do Rabisco possa ser reproduzido em vários momentos, no contexto escolar, por exemplo, para que se estabeleça um vínculo e uma compreensão maior entre aluno surdo e professor. No contexto familiar, para que o *holding* possa ser mais bem estruturado entre pais e filho, de

modo que estes possam integrar-se. E até no contexto coletivo infantil, para que as crianças construam um trabalho coletivo, permitindo a comunicação e expressão dos conteúdos inconscientes, através dos rabiscos.

Pois o desenho que se constrói no Jogo do Rabisco e em outras atividades, permite uma interação/comunicação contínua entre os envolvidos. Sendo assim, é possível construir um desenho junto, complementar outro desenho, socializar e principalmente comunicar ao mundo externo conteúdo que muitas vezes, são inconscientes ao sujeito e acabam gerando conflitos. Desse modo, podemos compreender que o desenho em qualquer prática pode ser uma ferramenta positiva de comunicação, pois não exige linguagem oral e permite ao sujeito expressar-se.

De acordo com Araújo & Lacerda (2008), “o desenho é um objeto emergido do imaginário, do percebido e do real(p.188)”. Sendo assim, a partir do desenho, é possível se trabalhar com o mundo interno da criança a partir do imaginário, com o seu modo singular de compreender os elementos da realidade a partir de sua percepção, e com a compreensão de realidade que esta tem a partir do real que se apresenta no desenho. Com isso, é possível constituir uma compreensão do pensamento da criança de forma bastante ampliada a partir do desenho.

Mais do que isso, as “Atividades de Desenho Compartilhado”, realizadas pelas terapeutas durante das sessões, puderam acrescentar que o ato de desenhar pode favorecer interações sociais quando realizado na presença de outras crianças ou quando é direcionado por um adulto, o que já se torna bastante benéfico em si. Além disso, essas interações que são algumas vezes dificultadas pela pouca comunicação na surdez, podem muitas vezes ser facilitadas através do desenho, como por exemplo, com figurações que servem para facilitar a explicação da criança, como ocorreu na realização deste estudo.

As crianças buscaram utilizar gestos e ações para realizar comentários sobre os próprios desenhos, o que representa já o interesse na socialização produzida pelo desenho. Também se pode notar que ocorreu uma interação afetiva no próprio desenho, já que em um dos desenhos os colegas foram representados e nomeados em uma situação de convívio social. Com isso as

autoras acrescentam que o desenho é também uma atividade promotora de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Já que:

*Nesta interação, as crianças puderam modificar e acrescentar traços aos seus desenhos, em função do modelo fornecido pelo companheiro. Houve um intenso intercâmbio de desenhos, no qual cada criança ofereceu o que sabia e solicitou o que ainda não dominava (p.191).*

Sendo assim, o desenho com ou sem a presença da linguagem oral pode ser de grande benefício para a interação/comunicação da criança surda. O Jogo do Rabisco, assim como a “Atividade de Desenho Compartilhado” apresentada acima são apenas alguns dos meios de utilizar o desenho como meio de acesso ao surdo. Outras brincadeiras podem ser criadas a partir deste e novas de socialização podem ser encontradas. Este é um meio lúdico e prazeroso, que pode ser realizado sozinho, em grupo, na presença de adultos ou crianças. É uma tarefa de fácil acesso a todas as classes sociais, o que o torna ainda mais possível de ser compreendido como uma estratégia eficaz e viável de acesso ao surdo.

Por fim, vale ressaltar que este é um meio de interação/comunicação em que o surdo está buscando se adaptar ao meio social, mas sem buscar necessariamente se enquadrar a ele, respeitando sempre suas características. No Jogo de Rabisco, ambas as partes estão se relacionando igualmente, através de outras vias de comunicação que não a linguagem oral, que é a área mais afetada na surdez. Em muitas vezes, como já discutimos no decorrer deste trabalho, a surdez busca ser corrigida como uma tentativa de enquadrar aos padrões sociais. Neste trabalho, porém, buscamos elaborar estratégias de interação/comunicação que permita ao surdo se relacionar através de suas características mais específicas, desconstruindo a ideia da surdez como um defeito a ser corrigido.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, buscamos compreender como ocorre a inserção da criança surda na sociedade ouvinte. Além disso, como objetivos específicos, buscamos descrever quais as implicações do meio social e familiar para a construção do *self* e destacar o brincar e o Jogo do Rabisco como estratégias de interação/comunicação da criança surda na sociedade ouvinte.

Sendo assim, dentre diversas descobertas e reflexões, é possível afirmar que foi possível responder a este questionamento na medida em que compreendemos como o surdo está inserido no contexto social da atualidade e como a relação da criança surda com a mãe pode influenciar na construção do *self* e no desenvolvimento emocional da mesma. Pudemos compreender que a inserção do surdo na sociedade ouvinte esbarra em uma dificuldade específica de comunicação verbal, que é agravada quando entendemos que esta é a principal forma de comunicação da sociedade atual.

Esses obstáculos produzidos pela ausência da escuta e conseqüentemente impossibilidade de comunicar-se verbalmente inviabiliza a participação do surdo em diversas atividades cotidianas, comprometendo sua socialização como afirma Souza (1982). Dessa forma, o surdo acaba se isolando e dando lugar a uma sociedade a parte, em que ele pode se sentir pertencente, construir seus valores e expressar-se através de outras vias de comunicação, que não a verbal. Essa seria a chamada comunidade surda, que é demarcada pela linguagem de sinais e que contém características específicas da cultura surda.

Assim como Strobel (2009), compreendemos a relevância da cultura surda, entretanto, pensamos que é importante que o surdo se insira em um contexto mais amplo e possa socializar de forma prazerosa com uma diversidade maior de pessoas, ambientes e oportunidades. Isso seria importante para a construção de um *self* bem estruturado.

Além da cultura surda, outro tema discutido no trabalho é a respeito das diferentes visões em relação à compreensão da surdez enquanto deficiência ou enquanto característica singular. Entendemos que esta questão é de extrema

relevância, pois a compreensão de uma ou de outra visão influencia diretamente no modo com que o sujeito irá construir sua relação com o Outro-surdo. Por isso, pensamos que essa questão poderia ser tomada como foco para pesquisas futuras que se dedicassem a analisar detalhadamente as implicações de uma visão clínico-terapêutica ou sócio-antropológica, como define Silva e Pereira (2003), para o desenvolvimento do surdo na sociedade. Além disso, foi possível encontrar autores variados que discutem essa questão de forma bastante aprofundada, o que torna a questão ainda viável para a produção de novos estudos.

Outra questão importante que também poderia ser desenvolvida em outras pesquisas é a ferida narcísica que aparece nos pais ao confrontarem a imagem do filho ideal com o filho surdo que se apresenta. Este é um ponto bastante interessante que foi apresentado neste trabalho, mas que também poderia ser mais aprofundada em pesquisas seguintes. Por se tratar de um tema amplo e complexo não pudemos trabalhar com profundidade, já que para isso seria preciso acrescentar outros autores da área da Psicanálise, o que retiraria o foco do objetivo e da teoria utilizada para respondê-lo. Apesar disso, compreendemos a relevância do tema, pois a ferida narcísica influencia diretamente no olhar que é dirigido à criança e conseqüentemente na relação que esta irá desenvolver com a mãe, como infere Faria (1997).

Essa relação do filho surdo com a mãe, que nos parece bastante delicada, pode sofrer as implicações da notícia da surdez desde a gestação quando a mãe ainda muito cedo recebe o diagnóstico, até a fase infantil em que a comunicação pode ser dificultada pela ausência da escuta. Podendo também passar por complicações nos primeiros anos de vida com a construção do vínculo entre a mãe e o filho. Apesar da comunicação neste período inicial ser silenciosa, Winnicott (1983) relata a importância de a mãe estar atenta às necessidades do bebê, permitindo-se olhar para ele e não somente para a surdez, mas também se permitindo considerar as dificuldades que são acometidas por ela, somente assim a mãe é capaz de apresentar um mundo que seja atrativo à criança.

Compreendendo as dificuldades que estão atreladas à surdez devido ao comprometimento da comunicação verbal, buscamos estabelecer alternativas de

acesso ao surdo que permitam a ele interagir e se comunicar com a sociedade ouvinte, explorando outras vias de acesso que não foram comprometidas pela surdez. Para isso, apresentamos as estratégias de interação/comunicação que se basearam no brincar e no Jogo do Rabisco, desenvolvidos principalmente a partir da teoria de D. W. Winnicott. Além deste autor, foram utilizadas outras pesquisas práticas e teóricas na área da surdez.

O brincar, por sua vez, enquanto estratégia de interação/comunicação foi bastante discutido e aprofundado durante esta pesquisa, dando lugar ao Jogo do Rabisco enquanto uma segunda estratégia de interação/comunicação. Pudemos compreender neste trabalho a importância do brincar enquanto possibilidade de expressão e de elaboração de conteúdos internos, assim como de internalização de conteúdos externos. O brincar, portanto, é uma via de troca que permite à criança existir no mundo. Consideramos que este fenômeno se encaixa perfeitamente como estratégia de acesso ao surdo, pelo fato de corresponder a uma atividade prazerosa, que possibilita a construção do vínculo com o Outro, e por ser uma atividade totalmente descolada da linguagem oral, podendo ocorrer facilmente sem o uso de qualquer verbalização.

Além do brincar e o Jogo do Rabisco, pensamos que estas e outras estratégias poderiam ser desenvolvidas e observadas na realização de um trabalho prático, que buscasse compreender como se dá o brincar e o Jogo do Rabisco na relação da criança surda com a pessoa ou a criança ouvinte, colocando foco nas formas de comunicação e nos elementos que permitem a construção do vínculo. Este é um campo pouco explorado, pois apenas algumas pesquisas práticas que trabalhavam com o brincar da criança surda foram encontradas, sendo que nenhuma se aproximava deste questionamento.

Quanto a isso, é importante destacar, concordando com Bisol, Simioni e Sperd (2007), que encontramos dificuldade em realizar a coleta de trabalhos científicos direcionados à surdez na infância, uma vez que poucos estudos foram encontrados. Isso aponta uma necessidade clara em desenvolver pesquisas nessa área, uma vez que consideramos o campo da surdez bastante rico e singular. Algumas pesquisas relacionadas à infância foram encontradas e até relacionadas à surdez, entretanto, notamos que poucas pesquisas se dedicam a articular a

surdez à infância. O que é de grande importância, já que esta é a fase em que se inicia a linguagem oral estruturada na criança ouvinte. A criança surda não participando deste fenômeno de construção da fala, terá implicações no seu desenvolvimento no que se refere à relação com o Outro, ao processo de aprendizagem e de inserção no mundo que ainda lhe é estranho.

Quanto a isso, pensamos que a Psicanálise, enquanto teoria do inconsciente que lida diretamente com a relação com o Outro, teria muito a contribuir nesta área. Já que as implicações geradas pela dificuldade na comunicação podem influenciar diretamente essa construção da relação com o Outro. Sendo assim, pensamos que além dos conceitos já abordados neste trabalho em relação à Psicanálise, outros conteúdos também poderiam ser desenvolvidos no campo da Psicanálise de forma mais aprofundada em trabalhos seguintes, já que discorrer em excesso sobre eles aqui, levaria este trabalho a outras direções que se distanciariam do objetivo principal.

Por fim, apesar de compreendermos que esta pesquisa atingiu os objetivos previamente determinados, avaliamos também que muito ainda pode se desenvolver a respeito deste assunto. Trata-se de campo rico em especificidades, e de grande importância, principalmente por corresponder a uma parcela considerável da população e por possuir um número reduzido de trabalhos científicos direcionados a este.

O surdo possui especificidades no seu desenvolvimento, porém isso não se relaciona a qualquer incapacidade, é importante apenas que a sociedade (família, escola, campos de trabalho...) estejam aptos a recebê-los e principalmente preparados para lidar com tais especificidades, isso permitiria a inserção de 9.722.163 pessoas, segundo IBGE (2010) na sociedade ouvinte. Mais além de uma tentativa de inserção é preciso construir uma sociedade que se adapte a surdez e esteja mais preparada e disponível para lidar com as diferenças e especificidades de cada indivíduo. Ao invés de uma sociedade que produza indivíduos que buscam se enquadrar forçosamente a padrões impostos por uma maioria pouco identificada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, J. A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W.Winnicott, Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2000, p.59.

ARAÚJO, C.C.M.; LACERDA, C.B.F. Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas.*Rev. Soc. Bras. de Fonoaudiologia*, Piracicaba, v.13, n.2, p.186-192, 2008.

BISOL, C.A., SIMIONI, J., SPERB, T. Contribuições da psicologia brasileira para o estudo da surdez.*Psicologia, Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.21, f.3, p.392-400, 2007.

BOLSONI-SILVA, A.T., RODRIGUES, O.M.P.R., ABRAMIDES D.V.M., LOUREIRO S.R. Práticas educativas parentais de crianças com deficiência auditiva e de linguagem.*Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.16, n.2, p.265-282, 2010.

DIZEU, L. C. T. B. & CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, 2005.

DOMINGUES, A.F., MOTTI, T.F.G, PALAMIN, M.E.G. O brincar e as habilidades sociais na interação da criança com deficiência auditiva e mãe ouvinte.*Estudos de Psicologia*, Campinas, v.25, f.1, p.37-44, 2008.

DORSCH, F.; HACKER, H.; STAPF K. Dicionário de Psicologia Dorsch, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, p. 168, 501 e 502, 2001.

GIOVANELLA, D.C. & FALKENBACH, A.P. Aprendizagem de crianças com deficiência por intermédio do brincar.*Revista Destaques Acadêmicos*, Lajeado, v.1, n.2, p.37-47, 2009.

GOLÇALVES, P.C.S. Arqueiro: Instituto nacional de educação de surdos. *Comissão Editorial*, Rio de Janeiro, v.12, p.17, 2005.

ISAAC, M.L. & MANFREDI, K.S. Diagnóstico precoce da surdez na infância. *Revista Médica USP*, Ribeirão Preto, v.38, p. 235-244, 2005.

MARIA, C. C. F. *O estranho no ninho: estudo da ferida narcísica dos pais de pessoas especiais deficientes mentais*. São Paulo, 1997. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de ciências humanas e da saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MARIN, C.R. & GOÉS, M.C.R. A experiência de pessoas surdas em esferas de atividade do cotidiano. *Cad. Cedes*, Campinas, v.26, n.69, p. 231-249, 2006.

MARZOLLA, A. C. Atendimento psicanalítico do paciente surdo. São Paulo: Ed. Zagodoni, 2012.

OLIVEIRA, A. C. S. et al Como brincam as crianças surdas: um estudo à luz da fonoaudiologia. *Rev. da Vetor Editora*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 77-84, 2006.

OMOTE, S. Estigma no tempo da inclusão. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 1, n. 3, p. 287-308, 2004.

PINHEIRO, D. *A inclusão do surdo no mundo da informação*. São Paulo, 2007. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Bibliotecoeconomia e Ciência da Informação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Secretaria de Educação Especial. Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização na surdez. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p.22.

SILVA, A. B. P. & PEREIRA, M. C. C. *O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor*. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v.19, n.2, 2003.

SOUZA, E. G. Surdez e significado social. Rio de Janeiro: Ed. Cortez, 1982, p. 26.

STROBEL, K. As imagens do surdo sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2009, p. 27.

TOSTA, R. M.; Os princípios das consultas terapêuticas como parâmetros para a clínica winnicottiana. In: OUTEIRAL, J. et al. (org) Winnicott – Seminários cearenses, Rio de Janeiro: Ed. Zagodoni, 2012.

VIEIRA, A. B. C.; MACEDO, L. R.; GOLÇALVES, D. U. O diagnóstico da perda auditiva na infância. *Revisões e ensaios de pediatria*, São Paulo, v. 29, n.1, p. 43-49, 2007.

VIOLANTE, M. L. V.; Pesquisa em Psicanálise. In: FILHO, R. A. P.; JUNIOR, N. C.; ROSA, M. D. (org) *Ciência, pesquisa, representação e realidade em Psicanálise*. São Paulo: Educ, 2000, p.112.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.63-76.

WINNICOTT, D. W. A criança e seu mundo. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979, p.161 – 165.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1983

WINNICOTT, D. W. Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1984.

WINNICOTT, D. W. Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 81.

WINNICOTT, D. W. Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 22.

WINNICOTT, D. W. O conceito de indivíduo saudável. In: WINNICOTT, D. W. (org) *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes (1989).

WINNICOTT, D. W. O jogo do rabisco. In WINNICOTT, C.; SPHEPHERD, R.; DAVIS, M. (org) *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1989.

História da Derdic: educação, saúde e pesquisa. Site Derdic. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/derdic/int\\_derdic/historia.html](http://www.pucsp.br/derdic/int_derdic/historia.html)> Acesso em: 26/05/2013, às 17hs e 56 min.

Sou surda e não sabia. Site Youtube. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=Vw364\\_Oi4xc](http://www.youtube.com/watch?v=Vw364_Oi4xc)> Acesso em: 05/09/2013, às 13hs e 30 min.

Senso do IBGE 2010, dados sobre deficiência. Site Sulp (Surdo Usuário da Língua Portuguesa). Disponível em: <<http://sulp-surdosusuariosdalinguaportuguesa.blogspot.com.br/2012/05/censo-do-ibge-2010-dados-sobre.html>> Acesso em: 30/04/2014, às 12hs e 50 min.